CIDADES IBERO-AMERICANAS

40

Revista da União das Cidades Capitais Ibero-Americanas (UCCI) 2026



Cidade a cidade, construímos a Ibero-América

CIDADES IBERO-AMERICANAS

40

Revista da União das Cidades Capitais Ibero-Americanas (UCCI)

—

2026

DESCARREGAR
VERSÃO DIGITAL

ucci
Unión de Ciudades Capitales Iberoamericanas
União das Cidades Capitais Ibero–americanas

Cidades Ibero-Americanas, nº 40
Outubro de 2026
Revista da União das Cidades Capitais Ibero-Americanas (UCCI)

Edita:
© Secretaría General de la UCCI
C/ Montalbán, 1 – 2.ª planta
28014 · Madrid, España
Tel.: +34 91 588 96 93
ucci@ciudadesiberoamericanas.org
www.ciudadesiberoamericanas.org

Secretária-Geral:
Almudena Maíllo del Valle

Direção:
Luciana Binaghi Getar

Coordenação:
Adriana Rey Villaverde
Luis Pizarro

Com a colaboração de:
Equipo Secretaría General UCCI – Madrid

Projeto, ilustrações e diagramação:
Romualdo Faura

Depósito legal:
M-6438-2017

Com a colaboração de:

Índice

APRESENTAÇÃO
7
Queridos amigos e amigas
Almudena Maíllo del Valle

LIDERANÇA URBANA
8
José Luis Martínez-Almeida
Entrevista

LIDERANÇA URBANA
12
Ação internacional, impacto local
Jorge Macri

LIDERANÇA URBANA
13
Das Cúpulas às cidades: um caminho de ida e volta
Andrés Allamand

LIDERANÇA URBANA
14
Onde a Ibero-América se articula
Instituições, cooperação e uma rede em construção

AS CIDADES QUE VÊM
16
Uma agenda urbana para a Ibero-América
Luciana Binaghi Getar

AS CIDADES QUE VÊM
18
Sergio Díaz-Granados
Entrevista

AS CIDADES QUE VÊM
22
Justine Simons
Entrevista

AS CIDADES QUE VÊM
26
Enrico Letta
Entrevista

AS CIDADES QUE VÊM
30
Delfina Irazusta
Entrevista

34

Cidades UCCI
Desafios e oportunidades

36 Andorra-a-Velha
38 Assunção
40 Barcelona
42 Bogotá
44 Brasília
46 Cádiz
48 Cidade da Guatemala
50 Cidade do Panamá
52 La Paz
54 Lima
56 Lisboa
58 Manágua
60 Montevidéu
62 Quito
64 San José
66 San Juan
68 San Salvador
70 Santo Domingo
72 São Paulo
74 Sucre
76 Tegucigalpa

Queridos amigos e amigas

Almudena Maíllo del Valle
Secretária-Geral da UCCI



É com grande satisfação que lhes dou as boas-vindas à 40ª edição da revista Cidades Ibero-Americanas, uma publicação que nasce em um momento especialmente significativo para a nossa rede e que olha para o II Encontro de Cidades Ibero-Americanas com uma convicção clara: o futuro da nossa região se constrói a partir do âmbito local. Porque é na cooperação cotidiana, na aprendizagem compartilhada e na capacidade de transformar ideias em respostas concretas que, cidade a cidade, construímos a Ibero-América.

As cidades deixaram de ser apenas o cenário onde se manifestam os grandes desafios do nosso tempo. São também atores capazes de antecipar mudanças, experimentar soluções e transformar grandes acordos em melhorias concretas para a população. É em suas ruas e bairros que a transformação digital se traduz em serviços mais acessíveis; onde o crescimento econômico deve se converter em emprego e oportunidades; onde a coesão social é protegida por meio da habitação, dos cuidados, da segurança e do espaço público; e onde a cultura mantém viva a nossa identidade compartilhada e abre novos caminhos para o desenvolvimento.

Esta edição busca refletir precisamente essa crescente liderança urbana. Por meio das vozes de prefeitos, responsáveis institucionais e referências internacionais, suas páginas analisam o papel que as cidades são chamadas a desempenhar em uma Ibero-América cada vez mais urbana, interdependente e exigente. Uma região que compartilha profundos vínculos históricos, culturais e humanos, mas também problemas complexos que nenhuma Administração pode resolver sozinha.

A cooperação entre cidades adquire, por isso, um valor essencial. Cooperar não significa transferir automaticamente uma política de um território para outro, nem buscar fórmulas universais. Significa compartilhar conhecimento, compreender por que uma iniciativa funcionou, aprender também com as dificuldades e adaptar cada experiência à realidade, à escala e à identidade de cada cidade. Essa é uma das maiores fortalezas da UCCI: conectar de forma permanente nossas capitais e grandes cidades para que as boas ideias circulem, se enriqueçam e possam se transformar em soluções úteis.

Nestas páginas, vocês encontrarão uma reflexão sobre a liderança urbana ibero-americana e sobre a necessidade de fortalecer a presença dos governos locais nos grandes debates internacionais. Também conhecerão mais de perto os temas que estruturarão o II Encontro: governança, desenvolvimento econômico, coesão social, inovação e cultura. Tudo isso por meio de vozes especializadas que nos ajudam a compreender os desafios da próxima década, mas também a identificar as capacidades, as alianças e os investimentos necessários para enfrentá-los.

Ao lado dessas reflexões, as cidades da UCCI tomam a palavra para compartilhar três desafios e uma oportunidade de futuro. Suas contribuições revelam uma rede extraordinariamente diversa, formada por cidades de diferentes dimensões, trajetórias e contextos, mas unida por uma mesma vontade: melhorar a vida das pessoas por meio de uma gestão próxima, eficaz e comprometida com o bem comum.

O II Encontro de Cidades Ibero-Americanas deve nos permitir transformar essa reflexão compartilhada em uma agenda urbana ambiciosa e consistente. Uma agenda capaz de levar a voz das cidades aos espaços ibero-americanos de decisão e, ao mesmo tempo, aproximar os grandes compromissos regionais da realidade cotidiana de nossos territórios. Porque ouvir as cidades é ouvir a população, e fortalecer sua capacidade de ação é fortalecer o futuro da Ibero-América.

Espero que esta revista contribua para esse propósito: abrir conversas, aproximar experiências e nos ajudar a construir respostas compartilhadas. Convido vocês a percorrer suas páginas com a certeza de que cada aliança que promovemos, cada conhecimento que compartilhamos e cada solução que fazemos avançar fortalecem uma comunidade ibero-americana mais próxima, coesa e preparada para enfrentar o futuro.



FOTOS: AYUNTAMIENTO DE MADRID

PREFEITO DE MADRI E COPRESIDENTE DA UNIÃO DAS CIDADES CAPITAIS IBERO-AMERICANAS (UCCI)

José Luis Martínez-Almeida

«As cidades ibero-americanas demonstraram que podem apresentar soluções, promover acordos e gerar uma cooperação útil»

Madri sediará o II Encontro de Cidades Ibero-Americanas em um momento no qual as cidades deixaram de ser simples cenários para se tornarem atores cada vez mais influentes no debate internacional. Nesta entrevista, José Luis Martínez-Almeida reflete sobre o papel de Madri como ponte entre a Europa e a Ibero-América, os desafios das grandes capitais e a capacidade das cidades de construir acordos, gerar oportunidades e projetar uma visão compartilhada de futuro.

Madri vive um momento de crescente projeção internacional e consolidou-se como um dos principais pontos de encontro do espaço ibero-americano. O que significa para a cidade assumir hoje esse papel?
Madri não é apenas uma capital europeia, mas uma cidade profundamente ibero-americana por sua história, seus vínculos humanos, sua língua, sua cultura, sua economia e sua presença institucional. Assumir hoje esse papel significa compreender que Madri pode atuar como um grande espaço de conexão: entre a Europa e a América Latina, entre instituições e governos locais, entre uma tradição compartilhada e um futuro comum.

Nossa cidade vive um momento especialmente relevante do ponto de vista internacional. É uma cidade cada vez mais aberta, dinâmica e atrativa para o investimento, o talento e a inovação, e, nesse processo de abertura, a convergência com o espaço ibero-americano é natural e cada vez mais fluida. Essa combinação transforma Madri em um lugar especialmente apropriado para promover espaços de diálogo, cooperação e intercâmbio entre as cidades ibero-americanas.

Mas ser esse ponto de encontro não representa apenas uma oportunidade; é também uma responsabilidade. Hoje, as cidades têm uma capacidade crescente de promover acordos, compartilhar soluções e oferecer uma perspectiva mais próxima e prática sobre muitos dos grandes desafios internacionais. Madri quer contribuir precisamente para isso: fortalecer um espaço ibero-americano mais conectado, mais inovador e com maior capacidade de se projetar conjuntamente para o futuro.

O senhor exerce uma dupla responsabilidade como prefeito de Madri e copresidente da UCCI. Como essa experiência ibero-americana compartilhada mudou sua visão sobre as cidades e seus desafios?
A experiência na UCCI permite constatar que os grandes desafios urbanos, como a moradia, o emprego, a segurança, a mobilidade, a sustentabilidade e a digitalização, manifestam-se de maneiras diferentes, mas muitas vezes têm uma base comum. Ser prefeito de Madri proporciona uma experiência concreta de gestão; ser copresidente da UCCI permite confrontá-la com outras realidades, enriquecê-la e compreender que nenhuma cidade avança sozinha.

Além disso, quando conversamos com prefeitos e prefeitas de toda a Ibero-América, percebemos até que ponto compartilhamos preocupações semelhantes e como muitas soluções podem ser adaptadas e servir de inspiração para outras cidades. É nesse momento que a cooperação deixa de ser retórica e se transforma em algo verdadeiramente útil: um espaço para trocar experiências, aprender e construir respostas mais eficazes.

Madri é uma cidade com uma identidade muito marcante, mas também cada vez mais diversa e global. Como se governa uma capital procurando manter o equilíbrio entre identidade, abertura e coesão?
Madri sempre foi uma cidade aberta, e provavelmente uma parte importante de sua identidade reside justamente nisso. É uma cidade que soube crescer incorporando talentos, ideias e pessoas muito diferentes sem perder sua personalidade própria. Acredito que essa combinação entre identidade e abertura explica, em grande medida, o momento que Madri vive atualmente.

Entretanto, governar uma grande capital global exige um intenso trabalho em favor da coesão e da convivência. A diversidade é uma enorme força, mas também exige a garantia de oportunidades, serviços públicos eficientes e espaços compartilhados nos quais a população possa sentir-se parte de um projeto comum. As grandes cidades enfrentam o desafio de

impedir que essa diversidade resulte em fragmentação ou desigualdade.

Além disso, atualmente as cidades competem cada vez mais para atrair investimentos, inovação e talentos. As pessoas escolhem viver em lugares que oferecem qualidade de vida, segurança, estabilidade e oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional. Por isso, acredito que o grande desafio consiste em continuar sendo uma cidade aberta para o mundo e, ao mesmo tempo, próxima, habitável e coesa.

Durante muito tempo, as grandes agendas internacionais foram protagonizadas quase exclusivamente pelos Estados. Por que o senhor acredita que as cidades passaram a ocupar um lugar cada vez mais central?
Muitos dos grandes desafios globais são vivenciados hoje de maneira direta nas cidades. A moradia, a mobilidade e a segurança possuem uma dimensão claramente urbana, e isso fez com que os governos locais passassem a ocupar um papel cada vez mais relevante na agenda internacional. É justamente aí que reside o valor agregado das cidades: elas são capazes de transformar grandes debates em respostas concretas para melhorar a vida cotidiana dos cidadãos. Portanto, não é por acaso que muitas das soluções mais inovadoras e eficazes estejam surgindo precisamente no âmbito local.

As cidades ibero-americanas enfrentam desafios muito diferentes, mas também compartilham muitas experiências. Em quais áreas o senhor acredita que existe atualmente um maior potencial de cooperação entre as cidades?
Acredito que a cooperação entre as cidades possui potencial em qualquer área na qual existam desafios compartilhados e disposição para aprender mutuamente. E, na Ibero-América, esses espaços são numerosos.

Mas, se tiver de destacar alguns especialmente prioritários, penso naqueles em que as transformações ocorrem com maior rapidez e em que é mais urgente compartilhar soluções eficazes: moradia, mobilidade sustentável, digitalização, sustentabilidade ambiental e atração de talentos e investimentos.

É preciso lembrar que as cidades possuem uma vantagem muito importante: trabalham com problemas concretos, o que torna o intercâmbio de experiências especialmente útil. Muitas vezes, uma política que funciona em uma cidade pode ser adaptada e servir de inspiração para outra. No caso ibero-americano, essa cooperação é ainda mais natural devido aos vínculos culturais, humanos e institucionais que compartilhamos.

> “A moradia, a mobilidade e a segurança possuem uma dimensão claramente urbana

> “Madri vive hoje um momento de enorme dinamismo e consolidou-se como uma das grandes capitais internacionais

Muitas transformações urbanas exigem uma visão de longo prazo, mas as cidades também estão submetidas a uma enorme pressão imediata. Como encontrar o equilíbrio entre a gestão cotidiana e a visão de futuro?
Esse é provavelmente um dos grandes desafios de qualquer governo local. As cidades convivem permanentemente com a urgência: o transporte, a limpeza e o funcionamento dos serviços públicos fazem parte do cotidiano e exigem respostas imediatas. Ao mesmo tempo, uma cidade não pode se limitar apenas a administrar o presente; precisa ser capaz de se antecipar e preparar o futuro. Hoje, as grandes cidades enfrentam transformações muito profundas, e muitas dessas decisões exigem estabilidade, planejamento e uma visão clara de onde queremos chegar na próxima década. Governar uma cidade como Madri implica combinar essas duas dimensões: responder às necessidades cotidianas dos cidadãos sem perder a capacidade de construir um projeto atrativo, competitivo e com qualidade de vida.

Madri enfrenta desafios próprios das grandes capitais globais. Qual será, em sua opinião, o principal desafio urbano da próxima década?
Os desafios urbanos não são estáticos; eles mudam ao longo do tempo, e é provável que no futuro surjam outros que hoje nem sequer conseguimos imaginar. Mas, se me perguntarem qual é o grande desafio da próxima década, tal como o vemos atualmente, eu diria que é saber integrar. Integrar crescimento e qualidade de vida, competitividade e coesão social, transformação urbana e identidade. As cidades que enfrentarão melhor a próxima década não serão necessariamente as maiores ou as mais rápidas, mas aquelas capazes de crescer sem perder aquilo que as torna habitáveis e reconhecíveis. Madri vive hoje um momento de enorme dinamismo e consolidou-se como uma das grandes capitais internacionais. Mas, justamente por isso, temos também uma responsabilidade maior de administrar esse crescimento de maneira equilibrada e inteligente. Porque o desafio não é apenas crescer, mas crescer bem. Precisamos ser capazes de continuar avançando sem perder a qualidade de vida, a convivência e a identidade que tornam Madri uma cidade tão atrativa para se viver.

As cidades continuam sendo o espaço mais próximo da população. O que os governos locais podem fazer para fortalecer a confiança pública?
Acredito que a confiança pública é construída sobretudo por meio da gestão e da capacidade de oferecer segurança e previsibilidade em um contexto cada vez mais complexo e incerto. Os cidadãos esperam de seus governos proximidade, mas também eficiência, estabilidade e capacidade de resposta diante de problemas concretos que afetam sua vida cotidiana.

As cidades possuem, além disso, uma responsabilidade especial, porque constituem o âmbito institucional mais próximo das pessoas. Quando uma cidade funciona, quando oferece oportunidades, segurança, serviços públicos eficientes e qualidade de vida, a confiança nas instituições também é fortalecida. Quando os cidadãos sentem que a cidade funciona, que oferece oportunidades e que existe um projeto compartilhado, a confiança coletiva também se fortalece.

O II Encontro de Cidades Ibero-Americanas reflete o crescente protagonismo das cidades no espaço ibero-americano. Qual papel elas deverão desempenhar na construção das grandes agendas compartilhadas da região?
Acredito que, durante muito tempo, as cidades estiveram presentes nas grandes agendas regionais mais como cenário do que como protagonistas. Isso está mudando. Hoje existe uma consciência cada vez maior de que muitas das transformações que definirão o futuro da Ibero-América dependem diretamente da capacidade de suas cidades de gerar oportunidades, coesão e qualidade de vida.

O I Encontro de Cidades Ibero-Americanas e a Declaração de Madri representaram um passo importante justamente nessa direção: levar à Cúpula Ibero-Americana a visão e as prioridades das cidades. Lembro que, naquela ocasião, falamos de algo que continuo considerando fundamental: que a voz dos prefeitos seja também a voz dos cidadãos.

> “As cidades ibero-americanas demonstraram que podem apresentar soluções, promover acordos e gerar uma cooperação útil a partir da proximidade e da gestão concreta dos problemas

Acredito que o II Encontro deve servir para consolidar esse caminho. As cidades ibero-americanas demonstraram que podem apresentar soluções, promover acordos e gerar uma cooperação útil a partir da proximidade e da gestão concreta dos problemas. Em um momento internacional marcado pela incerteza e pela fragmentação, as cidades podem oferecer algo muito valioso: capacidade de diálogo, pragmatismo e disposição para construir espaços de bem-estar compartilhado.

E, falando dessa construção do futuro, que papel específico a UCCI pode desempenhar nesse processo? O que ela pode oferecer que outros fóruns não oferecem?
A UCCI possui uma vantagem única: é a rede institucional que já conecta de maneira permanente as capitais ibero-americanas. Ela não é criada para uma cúpula nem se dissolve depois dela. Seu papel é funcionar como o alicerce dessa cooperação: facilitar o compartilhamento sistemático de boas ideias, evitar que nós, prefeitos, tenhamos de começar do zero a cada vez e garantir que a voz das cidades chegue às Cúpulas Ibero-Americanas com propostas concretas, e não com declarações genéricas. No II Encontro de Cidades Ibero-Americanas, queremos dar mais um passo: fazer com que a UCCI não seja apenas um espaço de encontro, mas um verdadeiro banco de soluções urbanas adaptáveis às realidades que compartilhamos.

Em um mundo marcado pela incerteza, nós, cidades ibero-americanas, por meio da UCCI, podemos oferecer algo muito valioso: certezas compartilhadas.





Ação internacional, impacto local
As cidades como laboratórios do futuro

Jorge Macri
Chefe de Governo da Cidade Autônoma de Buenos Aires
Copresidente da UCCI

A diplomacia das cidades transformou-se em um instrumento essencial para a gestão urbana. Na Ibero-América, essa transformação adquire uma dimensão especial: compartilhamos uma história, uma língua e uma identidade cultural que não constituem apenas um patrimônio do passado, mas também uma plataforma ativa de cooperação.

Neste ano, em que se completam quatro décadas da morte de Jorge Luis Borges, vale lembrar que a mesma língua utilizada por Miguel de Cervantes para inventar o romance moderno foi empregada por Borges para ampliar os limites da literatura do século XX. O idioma faz parte dessa herança comum; é uma forma de nos reconhecermos e de construirmos confiança. A partir dessa base, os desafios comuns enfrentados por nossas cidades podem se transformar em oportunidades de cooperação entre governos locais, hoje atores cada vez mais relevantes na construção de uma região integrada.

Nesse contexto, assumi a copresidência da União das Cidades Capitais Ibero-Americanas, juntamente com o prefeito de Madri, José Luis Martínez-Almeida, com a convicção de que a UCCI é muito mais do que um espaço de diálogo: é uma rede na qual a interação se traduz em soluções de impacto. A chave está em evitar a imposição de fórmulas prontas e permitir, em vez disso, que cada cidade incorpore os aprendizados e as ferramentas já testadas, adaptando-os à sua própria realidade. Dessa forma, gera-se um impacto replicável e escalável a partir da articulação entre governos, setor privado, academia e sociedade civil.

Em Buenos Aires, trabalhamos em torno de dois eixos que hoje permeiam transversalmente nossa gestão e que, acreditamos, podem servir de referência para outras cidades da região.

O primeiro é a segurança. Desenvolvemos um modelo que combina presença no território com inteligência de dados: 82% da cidade conta com videomonitoramento, reforçamos a presença policial nas ruas e dispomos de centros integrados de monitoramento e de mecanismos de coordenação entre as forças de segurança. Essas medidas permitiram reduzir a criminalidade em áreas críticas e restabelecer a ordem no espaço público em benefício dos moradores. A segurança não significa apenas ordem: é a condição que torna possível todo o restante.

O segundo eixo é a inovação e, em particular, a inteligência artificial. Em Buenos Aires, a IA não é um projeto-piloto, mas uma política transversal: está presente na melhoria da eficiência dos processos administrativos, na transformação de nossos recursos humanos, na detecção precoce de crimes e no aprimoramento de serviços cotid nossos recursos humanos, na detecção precoce de crimes e noianos, como o atendimento ao cidadão.

Quando as cidades trabalham em conjunto, não apenas fortalecem sua própria gestão, mas também contribuem para a construção de uma Ibero-América mais conectada, mais resiliente e com mais oportunidades para todos.

Acreditamos que esse modelo, baseado na segurança apoiada pela tecnologia e em uma gestão orientada por dados, pode ser adotado em outros contextos, e estamos dispostos a compartilhá-lo com as cidades da UCCI.

Nós, das cidades, oferecemos uma perspectiva que muitas vezes está ausente dos grandes fóruns globais: a perspectiva de quem realiza. Somos dirigentes com vocação para o serviço público e para a liderança, que pensam como homens de ação e atuam como homens de pensamento. Todos os dias, enfrentamos questões fundamentais: como melhorar o transporte, como manter uma cidade mais limpa, como fortalecer a segurança e como gerar empregos.

As cidades mudam constantemente, e surgem novas demandas sociais que não admitem respostas teóricas nem discussões ideológicas intermináveis. Elas exigem gestão, inovação e capacidade de execução. É justamente essa proximidade com a realidade cotidiana que transforma os governos locais em atores indispensáveis para a construção do futuro, porque é nas cidades que funciona, dia após dia, o grande laboratório do futuro.

Estou convencido de que, quando as cidades trabalham em conjunto, não apenas fortalecem sua própria gestão, mas também contribuem para a construção de uma Ibero-América mais conectada, mais resiliente e com mais oportunidades para todos. Essa é, em última análise, a responsabilidade e a enorme oportunidade que cada um de nossos governos locais tem diante de si.



Das Cúpulas às cidades: um caminho de ida e volta

Andrés Allamand
Secretário-Geral Ibero-Americano

Basta caminhar por Bogotá, Lisboa, São Paulo, Cidade do México, Tegucigalpa ou Madri para reconhecer uma atmosfera comum. Está na forma de cumprimentar e de debater, nos mercados e nas praças; está nesse modo tão nosso de ocupar o espaço público dos dois lados do Atlântico. Nós, mais de seiscentos milhões de ibero-americanos, compartilhamos muito mais do que duas línguas irmãs: compartilhamos histórias, afetos, fluxos migratórios cruzados e a convicção de que o futuro se constrói melhor em conjunto. Isso é a Comunidade Ibero-Americana: vinte e dois países que decidiram avançar juntos.

Durante mais de três décadas, essa vontade encontrou um espaço privilegiado nas Cúpulas Ibero-Americanas. Fundamentadas no consenso, elas têm sido o fórum no qual os governos nacionais estabelecem prioridades comuns em áreas tão diversas quanto os direitos digitais, o meio ambiente e a segurança alimentar. Mas a Comunidade não se limita a esse movimento que parte dos governos em direção à cidadania. Ela também é construída no sentido inverso: a partir dos parlamentos, da sociedade civil, das empresas, das universidades e dos governos locais.

Não se trata de uma distinção menor. A Ibero-América de hoje não pode ser compreendida sem suas cidades. Mais de 80% da população de nossos países já vive em centros urbanos e, até 2050, essa proporção poderá se aproximar de 90%. É nas cidades que se define grande parte da qualidade de vida: transporte, segurança, gestão de resíduos, moradia, cultura, parques e cuidados; em suma, a resposta cotidiana do Estado. Se as Cúpulas expressam os grandes consensos, as cidades são o lugar onde esses acordos se transformam em experiências concretas.

Essa proximidade explica por que, em uma região marcada pela desconfiança em relação às instituições, as administrações locais resistem melhor ao desgaste. Quando a população não encontra respostas nas instâncias superiores, volta-se para aqueles que estão mais próximos. Como se afirmou no Primeiro Encontro de Cidades Ibero-Americanas, os prefeitos "não têm tempo a perder com a política". Na verdade, todo o seu tempo é dedicado à solução de problemas concretos. Essa experiência deve contribuir, desde o início, para as decisões e para a formulação das políticas públicas.

Foi por isso que, em novembro de 2023, em São Paulo, institucionalizamos o Encontro de Cidades Ibero-Americanas e o incorporamos ao calendário oficial da Comunidade. Dessa forma, abrimos um canal permanente para uma relação de mão dupla, capaz de levar a voz das cidades às Cúpulas e de transformar os compromissos assumidos nas Cúpulas em ações concretas nas cidades.

Não se podem transferir responsabilidades aos governos locais sem lhes proporcionar os recursos necessários, nem formular políticas com impacto territorial sem incluir, desde o início, aqueles que deverão colocá-las em prática.

Essa via de mão dupla constitui a lógica central desse processo. Das Cúpulas às cidades, os acordos firmados pelas chefes e pelos chefes de Estado ganham força quando se traduzem em serviços mais próximos da população. Das cidades às Cúpulas, a gestão cotidiana permite identificar problemas, testar soluções e apontar quais recursos ou competências são necessários. Articular esses dois níveis não é uma concessão, mas uma condição para uma gestão mais eficiente do Estado.

Diante do II Encontro de Cidades Ibero-Americanas e da XXX Cúpula de Madri, em 2026, a tarefa consiste em transformar essa via de mão dupla em um compromisso político explícito. A SEGIB continuará trabalhando para que a voz das cidades chegue à Cúpula e aos governos centrais, bem como para que os acordos ibero-americanos sejam concebidos desde o início levando em consideração sua implementação territorial. Isso é decisivo em dois âmbitos: competências e financiamento. Não se podem transferir responsabilidades aos governos locais sem lhes proporcionar os recursos necessários, nem formular políticas com impacto territorial sem incluir, desde o início, aqueles que deverão colocá-las em prática.

O caminho que vai das Cúpulas às cidades, e das cidades às Cúpulas, não retira o protagonismo de umas para concedê-lo às outras. Ele expressa a maturidade de uma Comunidade que compreendeu que o seu futuro é construído a partir de seus alicerces.

ONDE A IBERO-AMÉRICA SE ARTICULA

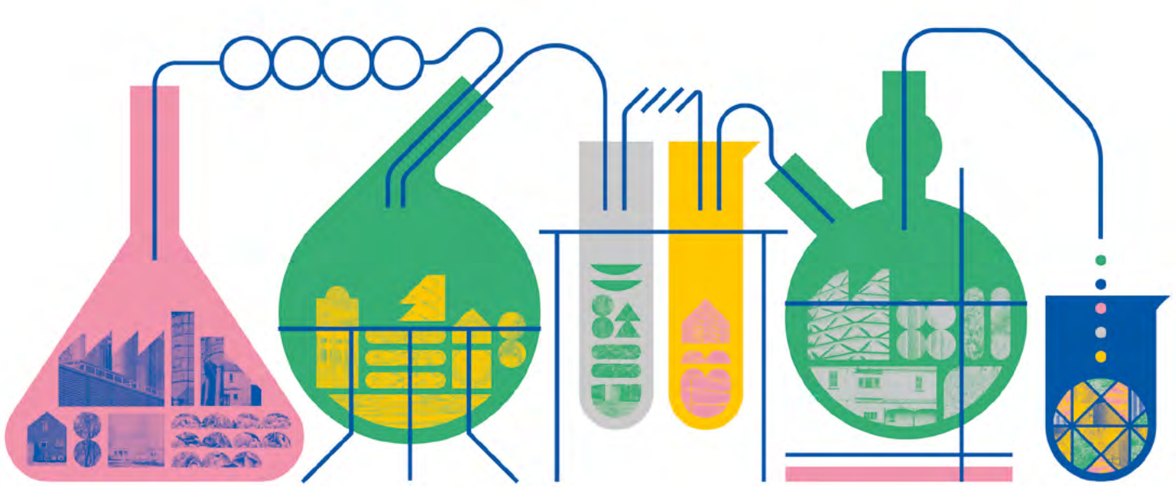
Instituições, cooperação e uma rede em construção

Madri não é apenas uma cidade de sedes, gabinetes e siglas. Em torno de suas instituições circulam programas educacionais, políticas de proteção social, agendas parlamentares, iniciativas juvenis e redes de governos locais. O espaço ibero-americano adquire aqui uma forma concreta: a de uma conversa entre organismos que trabalham em áreas distintas, mas compartilham uma certeza clara. Grande parte dos grandes desafios da região é decidida hoje nas cidades.

Não é apenas uma consequência da urbanização. É também uma questão de escala. A cidade é o lugar onde uma política deixa de ser uma formulação geral e se transforma em moradia, emprego, transporte, educação, cuidados e oportunidades. Mariano Jabonero, secretário-geral da Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), define as cidades como "verdadeiros laboratórios de políticas públicas": espaços onde as desigualdades são percebidas mais cedo, respostas são testadas e se aprende com experiências de outros contextos. Essa cooperação horizontal não consiste apenas em trocar programas; "permite compartilhar políticas públicas, mas também valores", desde a transparência e a participação até a defesa da democracia e do bem comum.

Essa capacidade de experimentação é especialmente valiosa nos campos da educação e do emprego. Jabonero ressalta que as cidades, em parceria com instituições educacionais e empresas, podem se transformar em ecossistemas de aprendizagem contínua. A educação técnico-profissional dual e as microcredenciais permitem conectar, com maior agilidade, as competências de jovens e trabalhadores às necessidades em constante transformação do setor produtivo.

A imagem é pertinente em uma região onde os problemas se repetem, embora nunca de maneira idêntica. Mobilidade, desigualdade, sustentabilidade ou acesso aos serviços atravessam cidades muito diferentes. Compartilhar uma solução não significa copiá-la, mas compreender por que funcionou e como pode ser adaptada. É aí que reside uma das forças da cooperação ibero-americana: fazer o conhecimento circular sem apagar as particularidades locais.





«As cidades são verdadeiros laboratórios de políticas públicas»

Mariano Jabonero
Secretário-geral da Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e Cultura (OEI)



«A colaboração entre governos, parlamentos, administrações locais e organizações internacionais permite gerar confiança, coordenar esforços e compartilhar soluções diante de desafios comuns»

Juan Matarí
Presidente da Comissão de Assuntos Ibero-Americanos do Senado



«A cidade não deve ser entendida apenas como um espaço físico ou administrativo, mas como um âmbito fundamental para a vida em comum e para o exercício efetivo da cidadania»

Gina Magnolia Riaño
Secretária-geral da Organização Ibero-Americana de Seguridade Social (OISS)



«A moradia é uma condição decisiva para que os jovens construam projetos de vida autônomos»

Alexandre Pupo
Secretário-geral do Organismo Internacional de Juventude para a Ibero-América (OIJ)

Para que essa rede funcione, as instituições devem deixar de operar como compartimentos isolados. Governos, parlamentos, organismos internacionais e administrações locais possuem competências distintas, mas enfrentam desafios que ultrapassam qualquer fronteira administrativa. Juan Matarí, presidente da Comissão de Assuntos Ibero-Americanos do Senado, resume essa ideia com clareza: "A colaboração entre governos, parlamentos, administrações locais e organizações internacionais permite gerar confiança, coordenar esforços e compartilhar soluções diante de desafios comuns". A cooperação adquire, assim, um sentido político: não apenas reúne atores, mas organiza responsabilidades e aproxima as decisões dos lugares onde elas produzem efeitos.

A colaboração também não termina no âmbito público. Matarí destaca que seus resultados podem ser multiplicados quando ela incorpora o setor privado e transforma as declarações em ações concretas. Não se trata de apenas somar interlocutores, mas de construir alianças capazes de se traduzir em desenvolvimento social e em melhorias perceptíveis para a cidadania.

É nesse percurso da arquitetura institucional até a vida cotidiana que a dimensão urbana revela toda a sua força. Gina Magnolia Riaño, secretária-geral da Organização Ibero-Americana de Seguridade Social (OISS), afirma que a cidade "não deve ser entendida apenas como um espaço físico ou administrativo, mas como um âmbito fundamental para a vida em comum e para o exercício efetivo da cidadania". Nos bairros tornam-se visíveis a segregação, a informalidade, as dificuldades de acesso à moradia e as desigualdades no campo dos cuidados; mas é também nesses territórios que a proximidade permite identificar vulnerabilidades, coordenar serviços e formular políticas mais precisas. A coesão social não é construída apenas por meio de grandes políticas nacionais, mas também a partir de respostas capazes de alcançar as pessoas mais vulneráveis.

Essa precisão exige uma governança multinível estável e orientada para resultados. Riaño defende que as cidades não devem ser consideradas apenas executoras de programas, mas parceiras na definição de prioridades. Para isso, são essenciais os diagnósticos compartilhados, as informações desagregadas por território e a coordenação das políticas de moradia, emprego, saúde, cuidados, mobilidade e conectividade.

A mesma lógica atravessa a agenda da juventude. Para Alexandre Pupo, secretário-geral do Organismo Internacional de Juventude para a Ibero-América (OIJ), a moradia é uma condição decisiva para que os jovens construam projetos de vida autônomos. No entanto, a resposta não pode se limitar a políticas elaboradas para as juventudes: deve ser construída com elas, reconhecendo-as como geradoras de criatividade, inovação e participação. Quando as cidades cooperam, afirma Pupo, conseguem "fazer com que o conhecimento circule, que as experiências bem-sucedidas se multipliquem e que as soluções inovadoras possam ganhar escala".

A participação juvenil, portanto, não deveria se esgotar em mecanismos consultivos. Pupo propõe avançar em direção a formas de corresponsabilidade e incidência efetiva, nas quais os jovens participem desde a concepção das políticas. Não se trata apenas de ouvir suas demandas, mas de incorporar seu conhecimento do território e sua capacidade de imaginar novas soluções.

Madri concentra muitas dessas conversas, mas sua importância não reside apenas no fato de abrigar instituições. Sua verdadeira capacidade está em colocá-las em diálogo: conectar agendas e transformar convergências em projetos compartilhados. Em uma Ibero-América profundamente urbana, a cooperação deixa de ser uma arquitetura diplomática abstrata e passa a se assemelhar a uma rede: imperfeita, sempre em construção, mas cada vez mais próxima dos territórios onde está em jogo o bem-estar da cidadania.

UMA AGENDA URBANA PARA A IBERO-AMÉRICA



As cidades da nossa rede são extraordinariamente diversas. Há cidades com mais de dez milhões de habitantes e outras com menos de cem mil; algumas são capitais políticas e econômicas de seus países, enquanto outras são centros culturais ou polos logísticos de alcance regional. No entanto, apesar dessas diferenças de escala, história e vocação, os desafios que enfrentam são, em essência, muito semelhantes.

A transformação digital e a irrupção da inteligência artificial desafiam igualmente nossos governos locais, exigindo que inovem sem deixar ninguém para trás. A economia local demanda políticas que fomentem o empreendedorismo e promovam alianças sólidas com o setor privado. A segurança, a coesão social e os cuidados exigem repensar o espaço público como um lugar de encontro e proteção. E a cultura, o patrimônio e a criatividade urbana despontam como motores de desenvolvimento e elementos de identidade que aproximam nossas cidades.

Diante de desafios dessa magnitude, a inovação não pode ser entendida como um fim em si mesma, nem como uma simples adoção de tecnologia. Trata-se, na verdade, de uma mudança profunda na maneira de governar e de construir a cidade: ouvir ativamente os cidadãos, experimentar soluções-piloto, medir resultados e aprender tanto com os acertos quanto com os erros. Inovar, no contexto ibero-americano, implica também adaptar as soluções a realidades muito distintas, valorizar o talento local e garantir que a transição digital seja eficiente, acessível e sustentável. É nesse equilíbrio que reside a verdadeira força das nossas cidades.

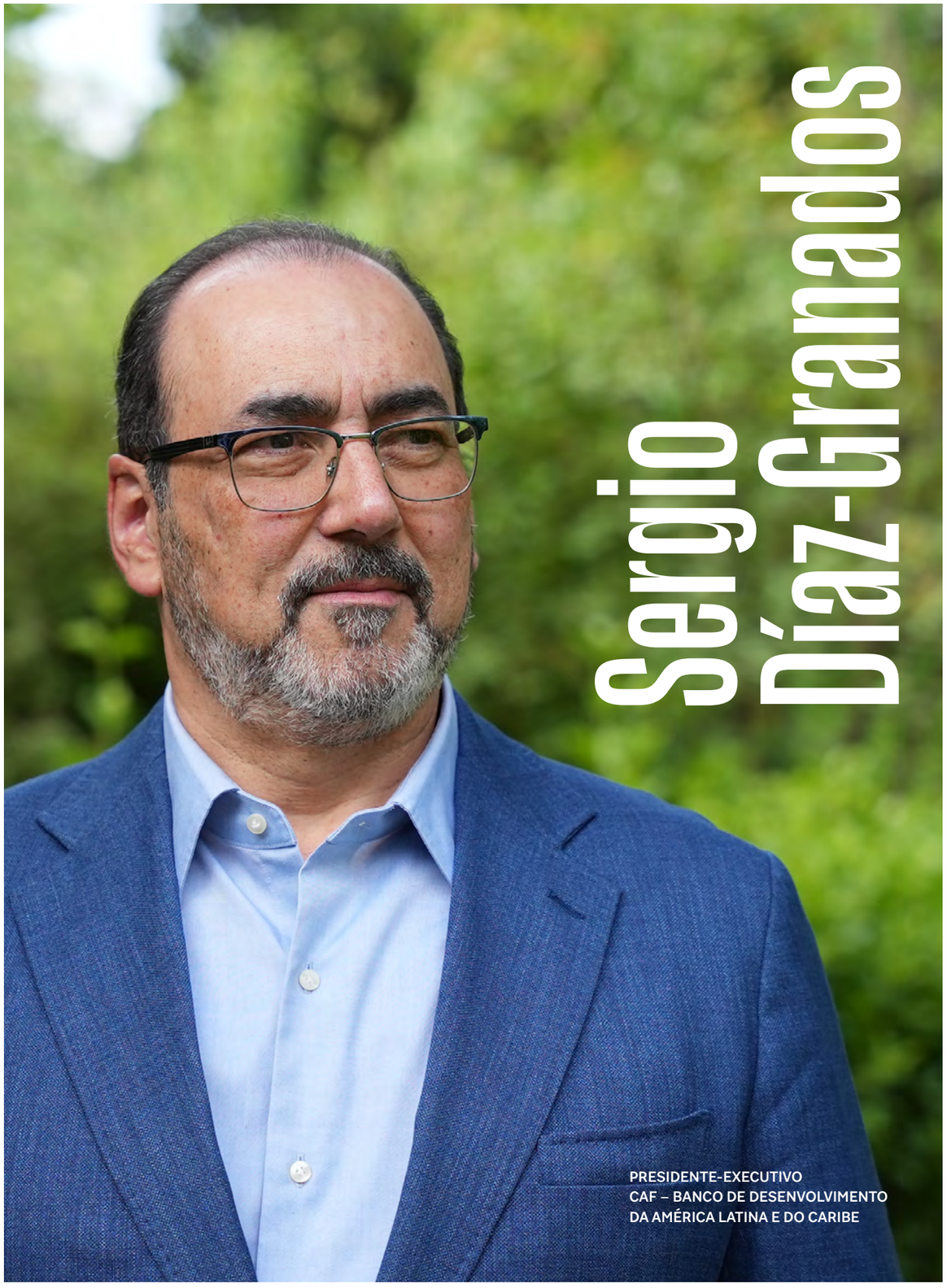
E essa forma de compreender a inovação é precisamente o que nos mobiliza na União das Cidades Capitais Ibero-Americanas (UCCI), onde buscamos promover uma agenda urbana comum. Uma agenda que não pretende ser um texto estático nem uma declaração abstrata de intenções, mas sim se consolidar como a nossa bússola compartilhada. Uma bússola que sirva para que nenhuma cidade tenha de desenvolver soluções do zero e de forma isolada; para multiplicar o impacto das melhores práticas; e para consolidar um ambiente que garanta o bem-estar presente e futuro dos nossos cidadãos.

Essa agenda comum, esse sonho que nos mobiliza, ganhará forma no próximo Encontro de Cidades Ibero-Americanas, no qual o debate entre as lideranças dos nossos governos locais lhe dará conteúdo e concretude. Para preparar esse terreno e elevar a qualidade da discussão, as entrevistas que apresentamos a seguir constituem um antecedente necessário: reúnem vozes especializadas que nos permitem projetar um debate ambicioso, mas perfeitamente realizável.

Cada uma dessas conversas oferece uma perspectiva complementar e enriquecedora. Longe de propor soluções únicas, essas vozes nos convidam a refletir a partir de diferentes perspectivas, a comparar experiências e a identificar denominadores comuns que possam inspirar políticas urbanas em toda a nossa rede. Estas páginas são, portanto, um convite à leitura crítica e à transformação das ideias em ação.

Esperamos que esta leitura seja tão inspiradora para quem a recebe quanto foi para a UCCI reunir essas vozes.

Luciana Binaghi Getar
Diretora-Geral da UCCI



PRESIDENTE-EXECUTIVO
CAF – BANCO DE DESENVOLVIMENTO
DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE

FOTOS: CAF – BANCO DE DESENVOLVIMENTO DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBEE

O futuro econômico da região dependerá cada vez mais de sua capacidade urbana

Com mais de 80% da população latino-americana vivendo em áreas urbanas, o futuro da região é decidido, cada vez mais, em suas cidades. Sergio Díaz-Granados, presidente-executivo do CAF, analisa como os investimentos em infraestrutura, a transição verde e digital, o acesso a financiamento e as oportunidades para os jovens podem transformar as cidades em motores de produtividade, integração e prosperidade compartilhada.

Atualmente, as cidades concentram grande parte da atividade econômica, do emprego e da inovação da região. Por que o senhor acredita que o futuro econômico da Ibero-América dependerá cada vez mais de sua capacidade urbana?
Atualmente, as cidades concentram grande parte da atividade econômica, do emprego e da inovação na Ibero-América. O fenômeno não é novo, mas tem se intensificado: mais de 80% da população da América Latina e do Caribe vive em cidades, e essa proporção continuará crescendo.

Não é exagero afirmar que o futuro econômico da região dependerá cada vez mais de sua capacidade urbana. Os governos locais executam políticas e projetos em setores críticos — mobilidade, água e saneamento, habitação, educação, saúde, infraestrutura física e digital, biodiversidade e mudanças climáticas — e constituem a primeira linha de resposta na provisão de bens e serviços. Eles administram, em média, 20% dos gastos públicos da região e cerca de 50% em alguns países.

O desafio está em apoiar essa atuação e imprimir uma dinâmica coordenada a todo esse conjunto de instituições que trabalham para promover o desenvolvimento. Trabalhar por uma integração regional que favoreça o desenvolvimento sustentável é um dos mandatos fundadores do CAF, e as cidades desempenham um papel estratégico nesse processo. Devemos continuar avançando rumo a uma maior complementaridade territorial, para que as cidades não cresçam de forma isolada, mas articuladas entre si e com as regiões nas quais estão inseridas.

O CAF tem ampliado sua atuação junto aos governos subnacionais e às grandes cidades. Que papel as capitais ibero-americanas podem desempenhar no desenvolvimento econômico regional?
Um dos mandatos que recebi de nossos países acionistas ao assumir a Presidência Executiva do CAF, em 2021, foi fortalecer o trabalho com os governos regionais e locais, transformando nossa instituição no banco dos governos subnacionais. Em dezembro passado, ao prorrogar meu mandato como presidente-executivo por mais cinco anos, nosso Diretório respaldou essa visão, que temos convertido em ações concretas.

Entre 2021 e 2025, o CAF aprovou mais de USD 9 bilhões em financiamentos subnacionais, alcançando, em 2025, um recorde histórico superior a USD 3 bilhões. Esses números se traduziram em projetos de impacto que estão melhorando a vida de milhões de pessoas em toda a região. Estamos falando de operações quase soberanas, linhas de crédito e garantias, assim como de títulos concebidos não apenas para as capitais, mas também para cidades de médio e pequeno porte.

Essa é uma atuação que estamos desenvolvendo nos dois lados do Atlântico. O CAF nasceu como uma corporação de caráter andino, mas cresceu e se transformou em uma instituição com identidade profundamente ibero-americana. Espanha e Portugal são acionistas do banco e desempenharam um papel determinante em seu crescimento.

As capitais ibero-americanas estão unidas por vínculos históricos e, sobretudo, por enormes possibilidades de futuro.

Muitas cidades enfrentam o desafio de crescer economicamente sem aumentar as desigualdades. Como podem combinar competitividade, emprego e inclusão social?
O grande desafio das cidades ibero-americanas não é apenas crescer, mas fazê-lo de maneira inclusiva. O crescimento econômico deve se traduzir em mais e melhores oportunidades para todos. As cidades concentram produtividade e

emprego, mas também refletem — e, às vezes, ampliam — as desigualdades.

Em nosso Relatório de Economia e Desenvolvimento de 2017, estimávamos que 23% da população urbana da região vivia em assentamentos informais. Por isso, devemos aprofundar as políticas de inclusão urbana. A chave está em uma abordagem de desenvolvimento territorial mais equilibrada, que combine políticas de competitividade — infraestrutura, inovação e emprego — com o acesso equitativo a bens públicos como educação, habitação e transporte.

Além disso, muitas cidades não dispõem de projetos prontos para receber financiamento. Por essa razão, o CAF desenvolveu mecanismos de assistência técnica que apoiam a elaboração de estudos de pré-viabilidade e viabilidade, para que os governos locais contem com carteiras de projetos aptos a receber financiamento.

Em nosso RED 2025, dedicado aos governos locais e regionais, identificamos seis grandes linhas de atuação: sustentabilidade fiscal, planejamento urbano, capacidades das administrações públicas, cooperação entre diferentes níveis de governo, transição digital e adaptação às mudanças climáticas. O CAF trabalha em todas essas frentes.

A transição verde e digital está transformando a economia global. Que oportunidades se abrem para as cidades ibero-americanas nesse novo cenário?
Há algumas semanas, reunimos em Cartagena mais de 100 representantes dos setores público e privado, de organismos multilaterais, da academia e do setor cultural para avançar em uma agenda comum capaz de promover a integração regional. Na ocasião, ao lado de dezenas de nossos especialistas e líderes, ficou evidente algo que já intuíamos: o mundo não está apenas mudando, mas reorganizando suas cadeias de valor, seus fluxos de investimento e suas alianças em torno da transição energética e da revolução digital.

A região deve aproveitar a transição tripla — verde, digital e energética, com ênfase no desenvolvimento humano — para se posicionar como uma região-solução. No âmbito local, cada cidade terá de compreender, em tempo hábil, sua própria transição e agir. Aquelas que garantirem matrizes energéticas limpas e confiáveis, por exemplo, se tornarão destinos atrativos para o investimento tecnológico.

A América Latina e o Caribe precisam atrair parte do fluxo de investimentos digitais e, para isso, são necessários marcos regulatórios claros, capital humano e

> **O grande desafio das cidades ibero-americanas não é apenas crescer, mas fazê-lo de maneira inclusiva**



conectividade. Recentemente, firmamos um acordo de USD 300 milhões com o Instituto de Crédito Oficial (ICO) da Espanha para acelerar a transição verde e a transformação digital da região, com foco na geração de empregos, na competitividade e no desenvolvimento sustentável.

Iniciativas como as que desenvolvemos com parceiros como a UCCI nos permitem conectar cidades no âmbito ibero-americano e levar esses acordos aos diferentes níveis de governo.

Um dos grandes desafios da região é transformar o crescimento econômico em oportunidades reais para os jovens. Que papel as cidades podem desempenhar nesse objetivo?
Transformar o crescimento em oportunidades reais para os jovens talvez seja a prova mais exigente de nosso modelo de desenvolvimento. A América Latina e o Caribe formam uma região jovem, mas milhões de jovens não estudam nem trabalham, e essa desconexão é vivenciada, sobretudo, nas cidades.

É nelas que estão as universidades, as empresas, os ecossistemas de empreendedorismo e os primeiros empregos, mas também as maiores desigualdades de acesso. Por isso, as cidades são o espaço onde se ganha ou se perde uma geração.

Seu papel é decisivo em três frentes. Em primeiro lugar, formação e empregabilidade, para conectar a educação técnica e digital às demandas reais do mercado de trabalho local. Em segundo, conectividade e competências digitais, para que os jovens participem da economia do conhecimento, independentemente do lugar onde nasceram. E, em terceiro, empreendedorismo e inovação, criando as condições necessárias para que ideias se transformem em empresas e empregos.

No CAF, assumimos esse desafio como uma prioridade. Em parceria com o UNICEF, promovemos o Banco Futuro, uma iniciativa que busca mobilizar até USD 5 bilhões para beneficiar cerca de 50 milhões de meninas, meninos e jovens da região, ampliando suas oportunidades de educação, conectividade e emprego.

Investir na juventude urbana não é um gasto social, mas um dos investimentos econômicos mais rentáveis que uma cidade pode realizar, porque define sua produtividade e seu futuro.

O financiamento será fundamental para enfrentar os desafios urbanos da próxima década. De que condições as cidades precisam atualmente para ter acesso a mais investimentos e desenvolver projetos transformadores?

O financiamento é um dos grandes instrumentos viabilizadores do desenvolvimento territorial, mas o desafio não consiste apenas em mobilizar mais recursos. É preciso criar as condições para que mais cidades — incluindo aquelas que apresentam as maiores desigualdades — possam ter acesso a esses recursos.

Os governos subnacionais enfrentam fortes limitações fiscais e uma elevada dependência das transferências do governo central, o que restringe sua capacidade de investimento. Nosso RED 2025 demonstra que, enquanto nos países da OCDE essas transferências representam, em média, 43% dos recursos administrados pelos governos locais, em nossa região elas correspondem, em média, a 58%, em um contexto marcado também por limitada autonomia tributária e baixa capacidade de endividamento.

Além disso, existe uma diferença entre o risco percebido pelos mercados e o risco real. Superar essas lacunas exige fortalecer as capacidades institucionais e financeiras das cidades para estruturar projetos sólidos e financiáveis, assim como desenvolver instrumentos mais flexíveis — garantias, financiamento misto (blended finance) e títulos temáticos — capazes de distribuir os riscos e atrair investimentos privados.

Também devemos adotar uma abordagem territorial, porque nem todas as cidades partem do mesmo ponto. Nesse contexto, o setor privado é uma alavanca imprescindível.

A parceria entre o CAF e a UCCI reflete uma crescente disposição para fortalecer a cooperação com os governos locais. Que potencial o senhor identifica nesse tipo de rede urbana para promover projetos de alto impacto?
Redes urbanas como a UCCI têm um potencial que vai muito além do intercâmbio de boas práticas. Quando bem aproveitadas, transformam-se em plataformas concretas para estruturar projetos, alinhar agendas e ampliar a capacidade de incidência nos espaços de decisão.

O interessante é que elas atuam em diferentes níveis. Por um lado, facilitam o diálogo político entre as cidades e permitem construir posições comuns que alcançam instâncias como as Cúpulas Ibero-Americanas, fortalecendo a voz dos governos locais na governança internacional. Por outro, possuem um enorme valor técnico: permitem identificar oportunidades de investimento, sistematizar informações e construir agendas conjuntas que conectem as necessidades das cidades a soluções e fontes de financiamento.

Além disso, reduzem a fragmentação.

> **A América Latina e o Caribe precisam atrair parte do fluxo de investimentos digitais e, para isso, são necessários marcos regulatórios claros, capital humano e conectividade**



Ao trabalharem de forma articulada, as cidades avançam em projetos de escala regional, compartilham riscos e se tornam mais atrativas para os investimentos.

Trabalhamos com a UCCI há vários anos, e essa parceria tem se consolidado. Em 2024, apoiamos o I Encontro de Cidades Ibero-Americanas, em Madri, e assinamos uma carta de entendimento que mantemos muito ativa. Neste ano, apoiaremos o II Encontro para apresentar iniciativas como a Aliança Ibero-América 500+, que promovemos em conjunto com a SEGIB e que reúne cidades com mais de cinco séculos de história, chamadas a se consolidar como polos de desenvolvimento sustentável e de memória histórica viva. O objetivo é avançar juntos rumo a um destino compartilhado de prosperidade, intercâmbio comercial e desenvolvimento, transformando nossas cidades em verdadeiros eixos de integração e trabalho conjunto.

Continuaremos aprofundando toda essa atuação por meio do trabalho do CAF com as cidades, o setor privado, instituições como a Secretaria-Geral Ibero-Americana e marcos como a Exposição Ibero-Americana de 2029.

Caso tivesse de apontar uma prioridade econômica indispensável para o futuro das cidades ibero-americanas, qual seria?
Caso tivesse de apontar uma única prioridade econômica indispensável, seria o investimento em infraestrutura urbana integrada como motor da integração territorial.

A América Latina e o Caribe enfrentam um paradoxo estrutural: trata-se de uma das regiões mais urbanizadas do mundo, mas que mantém baixos níveis de produtividade, em parte devido à expansão desordenada das cidades e à informalidade no mercado de trabalho. Não é uma anomalia passageira, mas o resultado visível de décadas de investimentos insuficientes, fragmentados e desconectados do potencial de nossos territórios.

O déficit de investimentos em infraestrutura varia entre 3% e 5% do PIB anual. Somente para a melhoria das vias e da conectividade, seriam necessários entre USD 600 bilhões e USD 700 bilhões. Nenhum orçamento público é capaz de cobrir, sozinho, um volume dessa magnitude.

A região conta com mais de 50 cidades com mais de um milhão de habitantes, e cada uma enfrenta essa lacuna de forma isolada, quando poderia fazê-lo como parte de uma rede regional. É disso que se trata: infraestrutura que conecte, financiamento que viabilize e uma visão regional que reconheça as cidades como o verdadeiro núcleo econômico da Ibero-América.

Justine Simons

FUNDADORA DO WORLD CITIES CULTURE FORUM E VICE-PREFEITA DE LONDRES PARA CULTURA E INDÚSTRIAS CRIATIVAS



FOTO: RANKIN

«A cultura se tornou um princípio orientador de como as cidades crescem»

A fundadora do World Cities Culture Forum analisa o papel da cultura como eixo estratégico do desenvolvimento urbano, da identidade e da coesão social, e defende a necessidade de integrá-la de forma transversal às políticas públicas. Nesta entrevista, aborda também o valor da cooperação entre redes de cidades, destaca o potencial cultural e criativo da Ibero-América e revisita algumas das políticas que consolidaram Londres como uma das grandes capitais culturais do mundo.

Nas últimas décadas, a cultura deixou de ser entendida apenas como uma área específica das políticas setoriais e se tornou um componente estratégico do desenvolvimento urbano. O que muda quando uma cidade coloca a cultura no centro de sua visão geral e de sua estratégia de desenvolvimento?

É verdade que, nos 25 anos em que venho desenvolvendo políticas culturais, testemunhei uma grande mudança: a cultura deixou de ser uma política de nicho e passou a ser uma política transversal em cidades de todo o mundo.

No World Cities Culture Forum, descrevemos a cultura como um "fio dourado", porque ela influencia positivamente muitos aspectos da vida urbana: do turismo, da economia e do emprego à saúde e ao bem-estar, passando pelo orgulho cívico, pela identidade e pela alegria.

Quando a cultura é colocada no centro da visão de uma cidade, quando deixa de ser considerada algo que "é bom ter", ela pode promover uma profunda transformação em toda a sociedade. A cultura se torna a alma das cidades, moldando sua identidade, impulsionando suas economias e melhorando a qualidade de vida da população.

No conjunto do World Cities Culture Forum, nossas cidades receberam, no ano passado, 1,3 bilhão de turistas. Mas isso vai muito além da economia: 64% das nossas cidades-membro já utilizam a cultura para apoiar a saúde pública e o bem-estar, seja por meio de médicos de Bruxelas e Montréal que prescrevem visitas a museus, seja por meio da orquestra nacional de Brasília, que se apresenta em todos os hospitais públicos da cidade. Por isso, eu diria que a cultura é hoje um ingrediente essencial para o sucesso de uma cidade global.

Mas a cultura não é algo que podemos dar como garantido; é preciso defender continuamente sua importância. Essa é uma parte fundamental do nosso trabalho no World Cities Culture Forum: há mais de uma década defendemos esse argumento por meio do intercâmbio de dados e conhecimentos sobre as cidades. Quando publicamos nosso primeiro relatório, em 2012, tínhamos dados de apenas 12 cidades; hoje, temos uma visão clara da cultura em mais de 45 cidades, distribuídas por seis continentes. A cultura nas cidades é um movimento em expansão!

Trabalhando com a UCCI em nosso relatório conjunto, "Criatividade, Cultura e Inovação nas Cidades Ibero-Americanas", constatamos como a economia criativa da América Latina já sustenta dois milhões de empregos e gera mais de cem bilhões de dólares por ano para a região, mais de 2% do PIB. Somente em Bogotá, a cultura e as indústrias criativas já superaram setores como a construção e representam cerca de 5% do PIB da cidade.

Quando uma cidade coloca a cultura no centro de sua visão, ela está fazendo uma declaração sobre o tipo de lugar que quer ser: aberto, conectado e seguro de sua própria identidade. É exatamente isso que estamos vendo em cidades de todo o mundo: a cultura se tornou um princípio orientador da forma como as cidades crescem, em vez de ser algo acrescentado posteriormente, depois que o crescimento já aconteceu.

As cidades ibero-americanas possuem uma extraordinária riqueza de ativos culturais e criativos. Como podem transformar esse patrimônio tangível e intangível em um motor de desenvolvimento sem perder sua autenticidade?

A cultura é o que confere a uma cidade sua identidade única. Em Londres, nossa moda, música, design e arte moldaram a história da cidade ao longo dos séculos: desde a invenção do terno de três peças e da minissaia até o punk rock e a música grime.

A cultura e o turismo estão interligados: em Londres, quatro em cada cinco visitantes afirmam que a cultura é seu principal motivo para vir à cidade. Os visitantes querem descobrir a cidade real por trás dos estereótipos; querem viver como uma pessoa local, e não encontrar a mesma rua comercial que deixaram em casa. Hoje vivemos em um mundo altamente globalizado: é possível comprar os mesmos tênis e beber a mesma marca de café na maioria das cidades do mundo, por isso a cultura é o que diferencia nossas cidades e lhes confere um caráter distintivo.

Naturalmente, algumas cidades recebem milhões de visitantes e sentem o peso do turismo e do desenvolvimento. Por isso, esse é um dilema que muitas cidades criativas estão tentando resolver: como transformar o patrimônio em um motor de crescimento sem descaracterizar justamente aquilo que, em primeiro lugar, faz com que as pessoas queiram visitá-las?

Lima está conseguindo alcançar esse equilíbrio. A cidade construiu uma capital gastronômica reconhecida mundialmente — restaurantes como Central, Maido e Astrid y Gastón ocupam as primeiras posições dos rankings mundiais —, mas fez isso valorizando o que já existia, e não inventando uma gastronomia para os turistas. A cidade abriga a maior comunidade chinesa da América Latina e uma enorme diáspora japonesa, algo que se reflete em uma identidade culinária peruana diferenciada, agora protegida pela UNESCO por meio da inscrição do ceviche como patrimônio imaterial. Por

«A população precisa se ver refletida no espaço público»

estar enraizada em comunidades reais, ela gera orgulho local ao mesmo tempo que impulsiona o turismo e o emprego.

E esse é um padrão que também observamos em toda a nossa própria rede. Em Melbourne, os subsídios Aboriginal Arts Grants estão incorporando diretamente o conhecimento e a liderança indígenas à criação de novas políticas culturais e obras de arte pública. Em Jakarta, estão preservando as comunidades culturais Betawi originárias da cidade e investindo em artesanato tradicional, assim como em formação e educação em artes marciais.

Onde esse modelo realmente funciona, o princípio é o mesmo: um patrimônio liderado pelas pessoas às quais ele pertence. Liderança comunitária e educação patrimonial no centro. Quando isso é bem-feito, o patrimônio se transforma em um círculo virtuoso: a autenticidade atrai pessoas, e a receita gerada retorna para a proteção da cultura que tornou aquele lugar especial.

As grandes cidades estão em constante transformação. Que papel desempenham a memória, a identidade e o espaço público para garantir que essas mudanças não rompam a conexão entre as pessoas e a cidade que consideram seu lar?

Esse é um dos maiores desafios enfrentados pelas cidades da nossa rede. A população precisa se ver refletida no espaço público. Se você percorre uma cidade e nunca vê sua história, seu rosto ou sua própria trajetória refletidos nela, é difícil sentir que pertence àquele lugar.

Tomemos Londres como exemplo: durante anos, tivemos mais estátuas de animais do que de mulheres identificadas pelo nome, e muitas das nossas estátuas, nomes de ruas e monumentos refletiam principalmente a Grã-Bretanha vitoriana. Isso está começando a mudar. Nosso prefeito encomendou uma estátua da líder sufragista Millicent Fawcett no coração do distrito político, a Parliament Square, e ela se tornou a primeira mulher a ocupar esse espaço, cercada por numerosos homens. Depois, criamos a primeira Comissão para a Diversidade no Espaço Público, com o objetivo de continuar corrigindo o desequilíbrio existente em nosso espaço público. Foram encomendados 70 novos projetos, entre estátuas, murais, obras de arte e percursos a pé. Duas linhas ferroviárias de Londres foram rebatizadas em homenagem a mulheres pioneiras — as Lionesses, a seleção nacional de futebol que venceu a EURO feminina, e a linha Suffragette. Nosso mundialmente reconhecido programa de esculturas Fourth Plinth continua incorporando novas vozes e ideias ao nosso espaço cívico mais emblemático, a Trafalgar Square, e atualmente está sendo desenvolvido um novo Memorial às Vítimas da Escravidão Transatlântica.

Esse trabalho faz parte de uma tendência mais ampla entre as cidades para melhorar a representação no espaço público. Kyiv mudou o nome de mais de 1.500 ruas para refletir melhor a cultura ucraniana. E, neste ano, por meio do Leadership Exchange Programme do World Cities Culture Forum, Warsaw recebeu gestores urbanos de Kyiv e Londres, assim como de Nova York e Amsterdam, para repensar as formas de comemoração e memória no espaço público.

Outro desafio é o rápido desenvolvimento urbano e a gentrificação, que podem expulsar espaços culturais de base comunitária e colocar em risco de fechamento importantes centros comunitários, espaços musicais e LGBTQIA+, além de livrarias. Por isso, criamos o Culture at Risk Office de Londres, uma equipe de resposta rápida destinada a apoiar espaços ameaçados. Ela já ajudou em mais de 1.500 casos e inspirou Nova York a criar um escritório semelhante, chamado Create in Place.

As cidades latino-americanas estão exercendo uma liderança brilhante nessa área. O Carnaval do Rio de Janeiro é icônico e atrai milhões de pessoas. Mas, além disso — e isso é importante —, as escolas de samba e os blocos de carnaval também realizam trabalho social e envolvem jovens das comunidades locais ao longo de todo o ano. Os grandes eventos públicos podem celebrar a diversidade de uma cidade e unir as comunidades de uma forma que os mundos virtuais não conseguem.

Quando as pessoas das comunidades locais estão no centro da transformação urbana, a mudança não rompe o vínculo entre as comunidades e o lugar: ela o aprofunda.

As alianças entre organizações internacionais costumam precisar de tempo para gerar um impacto significativo. No entanto, a colaboração entre o World Cities Culture Forum e a UCCI levou rapidamente à publicação de um relatório conjunto sobre inovação cultural nas cidades ibero-americanas. Do seu ponto de vista, qual é o valor de construir alianças de longo prazo entre redes de cidades e por que é importante manter a colaboração UCCI-WCCF com vistas ao World Cities Culture Summit de Tokyo e além?

Temos enorme orgulho da nossa colaboração com a UCCI. As redes de cidades são fundamentais porque nos permitem acelerar a implementação de soluções e oferecer um verdadeiro apoio entre pares. Compartilhamos desafios semelhantes, por isso também deveríamos compartilhar as soluções. Essa é toda a filosofia do World Cities Culture Forum: nós nos definimos como uma "zona livre de propriedade intelectual", na qual as melhores ideias podem ser copiadas e adaptadas.

Nosso relatório conjunto com a UCCI, "Criatividade, Cultura e Inovação nas Cidades Ibero-Americanas", é um trabalho de pesquisa muito abrangente. Ele engloba nove cidades: Bogotá, Buenos Airies, Cidade do Panamá, Lima, Quito, Rio de Janeiro, Santiago, Santo Domingo e São Paulo. O relatório mostra como as cidades ibero-americanas estão combinando o patrimônio cultural e a inovação contemporânea para construir novos futuros para a região.

«Optamos deliberadamente por apoiar toda a amplitude das indústrias criativas de Londres e não apenas as artes subsidiadas»

O relatório pôde ser realizado tão rapidamente porque nossas duas redes compartilham uma convicção firme: a de que a cultura é um bem público essencial. Essa crença compartilhada gera um enorme potencial para aprendermos umas com as outras e trabalharmos conjuntamente para colocar a cultura no centro da política urbana.

Mais da metade da população mundial vive atualmente em cidades, e esse número continua crescendo. Em um mundo no qual a geopolítica está mudando, o papel das cidades como lugares abertos e conectados é cada vez mais importante, e não menos. Como redes de cidades, não nos limitamos a trocar impressões: estamos construindo as ferramentas que determinarão como vamos conviver durante o restante deste século. Por isso, é importante manter essa aliança enquanto olhamos para a 15ª edição do World Cities Culture Summit, que será realizada em Tokyo neste mês de outubro, e para além dela.

As cidades ibero-americanas trazem uma perspectiva diferenciada para essa conversa global. Sua força reside no que a UCCI denomina "Cultura Comunitária Viva": construir a cultura a partir das próprias comunidades e da base, em vez de impô-la de cima para baixo. Seja no trabalho de Quito com grupos indígenas e afrodescendentes, seja nas bibliotecas de Bogotá concebidas em torno da identidade dos bairros, essas abordagens oferecem lições valiosas para cidades de todo o mundo. Uma maior representação da região dentro do World Cities Culture Forum permite que toda a nossa rede tenha acesso precisamente a esse tipo de pensamento e faz com que todos nós nos tornemos mais sábios.

Londres se consolidou como uma das principais capitais culturais do mundo. Para além da amplitude e da qualidade de sua oferta artística, que decisões de política pública você considera fundamentais para transformar a cultura em um motor de desenvolvimento urbano e projeção internacional?

A cultura está em nosso DNA. Ela movimenta 64 bilhões de libras por ano, um em cada cinco empregos pertence ao setor criativo e é o motivo pelo qual a maioria das pessoas visita nossa cidade, mas não podemos considerá-la garantida; por isso, temos trabalhado intensamente para assegurar que, à medida que Londres cresce e se desenvolve, a criatividade permaneça integrada no longo prazo.

Nossa estrela-guia é manter a posição global de Londres como capital cultural mundial e permitir que todos os londrinos possam ter uma vida criativa, algo que diz respeito tanto ao consumo quanto à participação: ir ao teatro e se inscrever em uma aula de cerâmica no bairro.

Em Londres, falamos em "integrar" a cultura a todos os aspectos do sistema, para que possamos protegê-la e apoiá-la à medida que Londres continua crescendo e se desenvolvendo. Em termos práticos, isso significou modificar a política urbanística de Londres para proteger ateliês de artistas, museus de base comunitária, clubes e pubs LGBTQIA+: espaços culturais informais que são realmente importantes para a população, mas que não contam com proteção patrimonial porque normalmente não estão localizados em edifícios de relevância histórica.

Requalificamos áreas da cidade por meio das novas Creative Enterprise Zones; são áreas que oferecem espaços criativos acessíveis a muito longo prazo, ajudando a reverter a gentrificação. Atualmente existem doze Zonas, que estão proporcionando cerca de 80 mil metros quadrados de novos espaços criativos permanentes e acessíveis.

Também criamos um Creative Land Trust, um projeto inovador de investimento social que está adquirindo edifícios para que os artistas possam utilizá-los de forma permanente. Ele foi inspirado no Community Arts Stabilization Trust de São Francisco e, desde então, o modelo foi adotado em Sydney, Austin e Vancouver: exatamente o tipo de intercâmbio "livre de propriedade intelectual" que mencionei anteriormente.

"Integramos" a cultura ao legado dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Londres 2012 e construímos todo um distrito cultural no Queen Elizabeth Olympic Park. Ele se chama East Bank e reúne importantes instituições artísticas e educacionais: o Victoria & Albert Museum, o teatro de dança Sadler's Wells, o London College of Fashion, a University College London e o novo espaço musical da BBC. Está localizado em uma área de Londres que havia ficado para trás durante décadas, utilizando deliberadamente a cultura como eixo da regeneração, em vez de incorporá-la como um complemento depois que as moradias já estivessem construídas.

E, por fim, optamos deliberadamente por apoiar toda a amplitude das indústrias criativas de Londres — cinema, videogames, moda, música, design —, e não apenas as artes subsidiadas. É isso que mantém a cultura de Londres conectada ao emprego e ao crescimento, e é exatamente o mesmo fio condutor que observo nas economias criativas de cidades como Buenos Aires e São Paulo, cuja economia criativa, por si só, emprega mais de meio milhão de pessoas. A cultura só se transforma em um verdadeiro motor de projeção internacional de uma cidade quando a política pública a trata como uma infraestrutura essencial, no mesmo nível que o transporte ou a habitação.



FOTOS: IE UNIVERSITY

ENRICO LETTA

DEÃO DA IE SCHOOL OF POLITICS, ECONOMICS AND GLOBAL AFFAIRS

«As cidades são fundamentais para a competitividade do século XXI»

As cidades deixaram de ser apenas espaços de gestão local para se tornarem atores decisivos da economia global, da inovação tecnológica e da transformação social. Nesta entrevista, o deão da IE School of Politics, Economics and Global Affairs, da IE University, analisa por que o futuro da competitividade será definido nos ecossistemas urbanos, quais desafios os governos locais enfrentam diante das revoluções digital e energética e como a Europa e a Ibero-América podem construir uma nova aliança estratégica baseada em talento, governança e inovação.

Atualmente, as grandes transformações econômicas, tecnológicas e geopolíticas têm um impacto cada vez mais direto sobre as cidades. Por que o senhor acredita que o espaço urbano será decisivo nos próximos anos?

Quando preparei o relatório sobre o futuro do Mercado Único para o Conselho Europeu, uma das conclusões mais claras foi que a competitividade já não se dá apenas entre Estados; ela ocorre entre ecossistemas, e os ecossistemas mais dinâmicos do mundo se estruturam em torno das cidades. Mais de 75% da população da União Europeia vive em áreas urbanas e, na América Latina, esse número ultrapassa 81%.

As cidades concentram a maior parte dos investimentos em pesquisa e desenvolvimento, atraem talentos e são o primeiro lugar onde as grandes transformações — inteligência artificial, transição energética e economia digital — tornam-se uma rea-

lidade cotidiana. Em meu relatório, insisti que a Europa precisa ganhar escala para competir com os Estados Unidos e a China. As cidades são as unidades naturais nas quais essa escala se materializa: conectam universidades, empresas, infraestruturas e cidadãos em um mesmo perímetro de ação.

Além disso, são os espaços onde algumas políticas públicas alcançam maior impacto: a descarbonização, a inclusão digital e a integração dos fluxos migratórios. Se não colocarmos as cidades no centro da estratégia de competitividade, perderemos a corrida pela produtividade e pela inovação.

A IE University e a UCCI promoveram uma aliança voltada para a formação, a liderança e as políticas públicas. Quais capacidades os governos locais deverão desenvolver para enfrentar os desafios da próxima década?

Em junho de 2025, a IE University assinou um acordo de colaboração com a UCCI porque estamos convencidos de que os governos locais precisam dar um salto qualitativo em três dimensões. Em primeiro lugar, capacidade analítica: governar uma cidade do século XXI exige interpretar dados em tempo real — mobilidade, qualidade do ar, mercado de trabalho e fluxos migratórios — e transformá-los em decisões. Em segundo lugar, aprimoramento regulatório: em meu relatório sobre o Mercado Único, alertei que o excesso de regulamentação fragmenta os mercados e afasta investimentos; no âmbito local, estruturas rígidas também sufocam a inovação. Em terceiro lugar, capacidade de articulação internacional: as cidades já não podem ser governadas olhando apenas para dentro. O acordo entre a IE University e a UCCI contempla programas de formação, oficinas e estágios destinados a oferecer aos quadros das administrações locais ferramentas que combinem rigor técnico e visão global. Caso os governos locais não profissionalizem sua gestão com critérios de excelência, ficarão presos entre desafios globais que não controlam e demandas da população às quais não conseguem responder. A qualidade da governança local é um fator de competitividade tão determinante quanto a tributação ou a infraestrutura.

Durante anos, a competitividade foi compreendida principalmente a partir dos Estados ou dos grandes mercados. Até que ponto as cidades se tornaram hoje espaços fundamentais para atrair talentos, inovação e investimentos?

> **Na América Latina, as grandes cidades geram cerca de 60% do PIB regional**



Elas são absolutamente decisivas. Na América Latina, as grandes cidades geram cerca de 60% do PIB regional, uma contribuição proporcionalmente superior à das grandes cidades da Europa Ocidental. Madri é um exemplo paradigmático: desde a pandemia, a Espanha avançou vários pontos no índice global de atratividade para o investimento estrangeiro direto, e grande parte desse dinamismo teve como protagonista o ecossistema madrilenho.

Em meu relatório, propus uma quinta liberdade para o Mercado Único: a liberdade de circulação do conhecimento, para que a pesquisa, a inovação e a educação possam circular sem fronteiras artificiais. Essa quinta liberdade materializa-se naturalmente nas cidades, porque elas são os polos onde convergem universidades, centros de pesquisa, startups e capital. A competitividade do século XXI não é apenas uma questão de países; é uma questão de cidades que saibam se posicionar como plataformas de talento. Uma cidade que oferece qualidade de vida, conectividade internacional, um ambiente regulatório previsível e um ecossistema universitário sólido transforma-se em um polo de atração global.

Muitas das transformações relacionadas à inteligência artificial, à transição energética e à economia digital terão um impacto direto sobre o espaço urbano. Onde o senhor acredita que as cidades devem concentrar hoje seu foco estratégico?

Há três áreas que podem ser consideradas urgentes para a Europa. A primeira é a soberania digital. Atualmente, os serviços digitais europeus são praticamente inexistentes diante dos gigantes norte-americanos e chineses. As cidades podem atuar como laboratórios de soberania digital, aplicando a inteligência artificial à gestão urbana — transporte, energia, segurança e serviços sociais — com soluções e dados próprios. A segunda é a transição energética. As cidades consomem mais de 70% da energia mundial e produzem uma proporção semelhante das emissões; muitas das políticas necessárias são, essencialmente, urbanas. A terceira é a formação do capital humano. Sem um investimento maciço em competências, nem a Europa nem a Ibero-América conseguirão aproveitar plenamente a revolução tecnológica, e as cidades são o espaço onde essa formação se estrutura. O foco estratégico é claro: digitalização soberana, energia limpa e talento. As cidades que priorizarem esses três eixos liderarão a próxima década.

A Ibero-América é uma das regiões mais urbanizadas do mundo e conta com grandes capitais cuja capacidade de influência é cada vez maior. Que potencial o senhor identifica em uma maior articulação entre as cidades ibero-americanas e europeias?

Um potencial enorme. Como você bem disse, a Ibero-América é a região mais urbanizada do mundo — mais de 81% de sua população vive em cidades — e as projeções das Nações Unidas apontam que esse percentual chegará a 90% até 2050. O futuro de mais de 660 milhões de pessoas será decidido nos espaços urbanos. A Europa, por sua vez, possui um patrimônio extraordinário em matéria de governança urbana, planejamento territorial e políticas de coesão. A articulação entre os dois lados do Atlântico é uma necessidade estratégica. As capitais ibero-americanas são a porta de entrada natural para a internacionalização empresarial e compartilham com as cidades europeias desafios comuns: desigualdade, adaptação climática e digitalização dos serviços públicos.

A velocidade das transformações tecnológicas e econômicas obriga as instituições a se adaptarem constantemente. Como os governos locais podem combinar inovação, estabilidade e capacidade de gestão?

Em meu relatório sobre o Mercado Único, diagnostiquei que a Europa enfrenta um problema de aversão ao risco de investimento em comparação com os Estados Unidos. Esse mesmo diagnóstico aplica-se às cidades. Precisamos desenvolver a capacidade de experimentar — projetos-piloto regulatórios, sandboxes urbanos e laboratórios de políticas públicas — dentro de estruturas institucionais sólidas e com uma avaliação rigorosa dos resultados.

Isso exige equipes técnicas de excelência, algo que só pode ser alcançado por meio de formação contínua e de condições de trabalho competitivas; dados abertos e uma cultura de avaliação, que permitam distinguir o que funciona daquilo que não funciona; e horizontes temporais que ultrapassem o ciclo eleitoral, o que requer pactos transversais sobre infraestruturas e serviços essenciais.

O II Encontro de Cidades Ibero-Americanas reflete uma crescente disposição das cidades de participar ativamente das grandes discussões internacionais. Como o senhor interpreta essa evolução?

Como uma consequência lógica da redistribuição do poder no século XXI. Durante décadas, as relações internacionais foram

> **O futuro de mais de 660 milhões de pessoas será decidido nos espaços urbanos**



monopólio dos Estados nacionais. Mas hoje, quando a maior parte do investimento estrangeiro direto chega às cidades, quando os acordos climáticos dependem da implementação local e quando a gestão migratória também é realizada no espaço urbano, é insustentável que as cidades não tenham voz própria no debate global. O que estamos presenciando é o surgimento de uma diplomacia urbana que complementa a diplomacia estatal. As cidades oferecem algo que os Estados muitas vezes perdem: proximidade com o cidadão, concretude na aplicação das políticas e capacidade de apresentar resultados tangíveis.

Em um momento de crescente desafeição democrática, essa capacidade de gerar confiança institucional por meio da gestão direta constitui um ativo político de primeira ordem.

Caso tivesse de apontar uma grande prioridade para que as cidades continuem sendo motores de prosperidade e coesão nas próximas décadas, qual seria?

O investimento maciço e contínuo em capital humano. Em meu relatório para o Conselho Europeu, propus a quinta liberdade — a liberdade de circulação do conhecimento — porque estou convencido de que, sem pessoas qualificadas, com competências atualizadas e capacidade de adaptação, nenhuma estratégia de competitividade, transição energética ou transformação digital será viável.

As cidades que investirem em suas universidades, em uma formação profissional de qualidade e na atração e retenção de talentos internacionais serão aquelas que prosperarão. As que não fizerem isso perderão relevância, independentemente de seu tamanho ou de sua história. Isso é particularmente urgente na Ibero-América, onde a população jovem representa um extraordinário ativo demográfico, cujo potencial somente será plenamente realizado por meio de investimentos educacionais ambiciosos.

Na IE University, trabalhamos exatamente nessa direção: formar líderes que compreendam que governar uma cidade em 2030 exigirá tanta sofisticação intelectual quanto governar um país. A prioridade é o talento. Todo o restante vem depois. A tecnologia pode ser comprada, a infraestrutura pode ser financiada, mas as pessoas capazes de tomar as decisões corretas em contextos de incerteza somente podem ser formadas com tempo, investimento e instituições educacionais à altura do desafio.



FOTO: RED DE INNOVACIÓN LOCAL

Delfina Irazusta

DIRETORA-EXECUTIVA DA REDE DE INOVAÇÃO LOCAL (RIL)

> **A verdadeira inovação é de natureza cultural, metodológica e relacional**

Com uma rede que já reúne mil governos locais, Delfina Irazusta defende uma inovação pública que vai muito além da incorporação de tecnologia. A diretora-executiva da RIL analisa como transformar a cultura das administrações públicas, criar espaços seguros para a experimentação e combinar os dados e a inteligência artificial com o conhecimento dos cidadãos. Uma conversa sobre liderança local, aprendizagem compartilhada e novas formas de gestão, para que a inovação se traduza em oportunidades e melhorias concretas na vida das pessoas.

A RIL é uma rede que conecta mais de cem cidades ibero-americanas. Que problema a RIL busca solucionar e que tipo de apoio oferece aos governos locais que chegam à rede com realidades muito diferentes?

Para começar, gostaria de compartilhar um grande marco alcançado em junho de 2026: já somos mil governos locais integrando a nossa rede.

O principal problema que buscamos solucionar na RIL é a falta de oportunidades nas cidades da nossa região. Na RIL, acreditamos firmemente que a liderança local tem a capacidade real de transformar o futuro das comunidades, independentemente de se tratar de uma cidade grande, pequena, uma capital ou uma comunidade localizada no interior do país.

No entanto, para liberar esse potencial e promover um desenvolvimento equitativo, os governos locais precisam dar um salto de qualidade em sua gestão. Um líder local pode transformar sua cidade quando se torna responsável pela gestão de uma organização verdadeiramente estratégica, que trabalhe com um planejamento rigoroso, colabore ativamente com outros atores do território, esteja profundamente comprometida com o impacto real na vida das pessoas e tenha a humildade e a abertura necessárias para aprender constantemente com seus pares.

Nosso acompanhamento foi concebido precisamente para facilitar essa transição. Oferecemos metodologias e ferramentas concretas para que os municípios, independentemente de seu ponto de partida ou de sua dimensão, estruturem seu planejamento, profissionalizem suas equipes e criem canais de colaboração intensa. Ao conectarmos gestores de diferentes cidades que compartilham os mesmos desafios, aceleramos a aprendizagem e demonstramos que, quando a liderança local se profissionaliza e trabalha em rede, as oportunidades florescem em todos os cantos da região.

A inovação pública costuma ser associada à incorporação de tecnologia, embora também envolva a revisão de processos, estruturas e formas de relacionamento com a população. Com base em sua experiência, o que significa realmente inovar em um governo local?

Existe um mito muito difundido de que inovar é sinônimo de comprar tecnologia ou desenvolver um aplicativo. Para nós, a tecnologia é um instrumento extraordinário, mas a verdadeira inovação é de natureza cultural, metodológica e relacional. Inovar em um governo local significa transformar a maneira como o município pensa, decide e atua diante dos problemas públicos.

Um governo local inovador é aquele que assume o papel de facilitador do ecossistema territorial, que não pretende ter todas as respostas, mas possui a humildade e a metodologia necessárias para buscá-las coletivamente. Na RIL, promovemos ativamente essa visão porque estamos convencidos de que existe uma relação direta entre a capacidade de inovação de uma gestão e sua capacidade de mobilizar recursos, ideias e vontades dentro da comunidade. Em última análise, inovar significa adaptar o Estado para que aprenda e evolua no ritmo das necessidades de sua comunidade.

Muitas administrações conhecem bem os problemas que enfrentam, mas têm dificuldade para transformá-los em desafios concretos sobre os quais possam atuar. Como construir uma cultura institucional capaz de formular perguntas melhores antes de buscar novas soluções?

Enfrentar esse desafio exige superar barreiras de diferentes naturezas. A primeira é de caráter cultural e está relacionada às crenças: com frequência, os servidores públicos consideram que os problemas estruturais são crônicos e acabam aprendendo a conviver com eles, em vez de buscar solucioná-los definitivamente. Por isso, o ponto de partida indispensável é transformar essa mentalidade resignada em uma cultura de confiança e autoeficácia.

A segunda barreira é operacional e

estrutural: as urgências cotidianas consomem todo o tempo disponível, impedindo que as equipes tratem cada problema com a profundidade necessária, estudando-o, investigando-o e compreendendo-o plenamente. Na gestão pública local, o verdadeiro desafio estratégico é construir uma organização capaz de vencer a batalha contra as demandas do dia a dia.

Para superar essa inércia da urgência permanente, que geralmente leva os governos a adotar soluções rápidas, porém superficiais, é fundamental institucionalizar metodologias de design e análise de dados que obriguem as equipes a desacelerar e desconstruir os problemas. Não se trata de criar processos burocráticos mais lentos, mas de estabelecer "pausas estratégicas" dentro da gestão.

Quando um município consegue estruturar espaços protegidos para a investigação das causas-raiz, a escuta ativa das pessoas afetadas e a análise de evidências, não apenas começa a formular perguntas melhores, como também devolve às suas equipes a confiança de que os problemas históricos da cidade podem, de fato, ser solucionados.

Inovar implica testar, aprender e, em algumas ocasiões, errar, enquanto as administrações públicas estão submetidas a fortes exigências de controle e segurança. Como os governos locais podem abrir espaço para a experimentação sem comprometer a responsabilidade pública?

Essa é uma das tensões mais complexas da gestão pública, e a busca por uma resposta ganha uma relevância renovada diante da ascensão da inteligência artificial. A IA é, por definição, uma tecnologia probabilística; ou seja, sua própria concepção já nos alerta de que ela poderá falhar. Como administrar, então, essa margem de erro em um setor público historicamente concebido para trabalhar com risco zero?

O desenho institucional do Estado foi elaborado para evitar riscos e garantir o controle, o que é absolutamente lógico, uma vez que são administrados recursos pertencentes a toda a sociedade. Entretanto, em um mundo que se transforma em velocidade exponencial, o maior risco para um governo local é a paralisia: continuar fazendo o mesmo de sempre e esperar resultados diferentes também representa uma falta de responsabilidade pública.

A resposta para essa tensão não está na ousadia irresponsável, mas na experimentação controlada. Isso pode ser feito por meio da prototipagem e de projetos-piloto de pequena escala. Em vez de lançar um programa de grande alcance ou implementar um sistema de IA para toda a cidade, comprometendo um orçamento elevado, os governos inovadores testam a ideia em um bairro, com um grupo reduzido de usuários e durante um período limitado.

Isso permite falhar rapidamente, com baixo custo e, sobretudo, aprender com o erro para corrigir o rumo antes de ampliar a iniciativa. Embora ferramentas como os ambientes de experimentação regulatória, ou sandboxes, sejam apresentadas como alternativas valiosas para testar soluções em contextos seguros, ainda é muito cedo para afirmar que constituem a solução definitiva, uma vez que se trata de marcos regulatórios muito recentes.

Experimentar não significa improvisar; significa aplicar um método rigoroso de aprendizagem contínua, que protege o interesse público enquanto permite descobrir formas melhores de servir à comunidade.

A RIL trabalha com cidades e municípios de diferentes dimensões em vários países da América Latina. Que capacidades internas permitem que a inovação não dependa unicamente da liderança pontual de uma pessoa ou de um projeto isolado, mas se transforme em uma prática permanente de governo?

O grande desafio da inovação pública é a sustentabilidade e, para alcançá-la, precisamos chegar ao cerne do problema: a cultura organizacional. Durante décadas, as administrações públicas consolidaram, em muitos casos, culturas de trabalho rígidas, fragmentadas e, às vezes, tóxicas, nas quais predominam o medo de errar, o controle excessivo e o trabalho em silos isolados.

Para que a inovação não dependa da liderança de uma pessoa ou de um projeto isolado, o verdadeiro desafio é transformar essa inércia histórica em uma cultura de facilitação.

Uma cultura de facilitação significa compreender o papel do servidor público não como o de um simples executor de normas, mas como o de um facilitador de processos de transformação ágeis, colaborativos e orientados para o impacto. Isso implica criar ambientes nos quais o trabalho em equipe, a cocriação com outras áreas e a aprendizagem a partir dos erros não sejam exceções heroicas, mas práticas habituais do cotidiano.

Não há nada mais poderoso para sustentar a inovação ao longo do tempo do que investir em uma cultura de melhoria contínua. Quando as equipes municipais adquirem capacidades metodológicas e, sobretudo, confiança para propor melhorias, colaborar transversalmente e questionar processos obsoletos, a inovação deixa de depender dos ciclos políticos. Deixa de ser uma iniciativa isolada e passa a constituir o pulso natural de um governo que evolui junto com sua comunidade.

Os dados e a inteligência artificial permitem antecipar melhor as necessidades de uma cidade, mas nenhuma base de dados oferece uma imagem completa de sua realidade: sempre existem comunidades, atividades e dinâmicas cotidianas que permanecem fora das estatísticas. Que condições uma cidade deve reunir antes de incorporar essas ferramentas e como pode combinar as informações fornecidas pelos dados com o conhecimento dos cidadãos e a experiência cotidiana?

Naturalmente, antes de incorporar ferramentas avançadas de inteligência artificial, uma cidade precisa construir uma base sólida de governança de dados. Isso implica garantir a qualidade dos dados, a interoperabilidade entre as diferentes áreas municipais e a segurança da informação.

Na estatística, existe um conceito fundamental: o ponto de saturação da informação, ou a lei dos rendimentos decrescentes aplicada aos dados. Chega um momento em que continuar acumulando dados já não altera o resultado nem oferece valor marginal. Por isso, não é necessário esperar até que se tenham todos os dados do universo para começar a agir. O verdadeiro desafio é compreender o que é representativo da comunidade. Essa amostra representativa, quando bem analisada, fornecerá os elementos necessários para formular políticas públicas eficazes. Concordo que a verdadeira arte da governança local consiste em combinar a precisão quantitativa dos dados com a riqueza qualitativa da experiência comunitária.

As inovações locais geralmente surgem em contextos muito específicos. O que permite que uma solução desenvolvida em uma cidade seja transferida para outra sem cair na reprodução automática nem perder sua capacidade de responder à realidade do território?

Na Rede de Inovação Local, não acreditamos no conceito de simplesmente copiar e colar soluções. As cidades não são modelos homogêneos: cada uma possui sua própria identidade, sua dimensão, sua cultura e sua matriz produtiva. Por isso, quando falamos em transferir inovações, preferimos falar em localização e adaptação ao contexto local.

O que realmente se transfere de uma cidade para outra não é um produto final e fechado, mas os princípios de design, a metodologia de implementação e as lições aprendidas ao longo do processo. Para que uma transferência seja bem-sucedida, o município receptor deve realizar um exercício de desconstrução da solução original: compreender qual problema específico ela solucionava, em que condições normativas e orçamentárias funcionou e quais capacidades exigia.

Em seguida, deve reconstruir essa solução utilizando sua própria energia local, seus recursos e, sobretudo, adaptando-a às características específicas de sua comunidade. O valor da rede não está em oferecer fórmulas mágicas, mas um catálogo de hipóteses já testadas, que inspiram e economizam tempo, permitindo que cada território desenvolva uma solução sob medida a partir da experiência acumulada de seus pares.

Frequentemente, o sucesso de uma política de inovação é apresentado por meio do número de plataformas criadas, processos digitalizados ou projetos implementados. O que deveríamos medir para saber se uma cidade está realmente inovando e se essa transformação está reduzindo desigualdades e melhorando a vida das pessoas?

Na realidade, a resposta está contida na própria pergunta: o que devemos medir é a correlação entre a política pública implementada e algum indicador concreto de melhoria na vida das pessoas. Precisamos dar, urgentemente, um salto qualitativo na forma como medimos o sucesso da gestão pública.

Durante muito tempo, limitamo-nos a medir insumos e produtos: quantos aplicativos desenvolvemos, quantos procedimentos digitalizamos ou quantos sensores instalamos. Essas métricas revelam apenas uma parte do impacto real produzido no território.

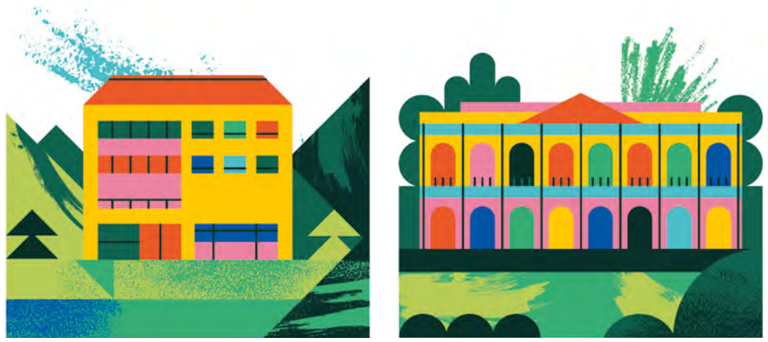
De fato, cada vez que medimos nosso próprio impacto na RIL, seguimos exatamente esse mesmo percurso. Analisamos o que mudou no município após seu ingresso na rede, como a gestão interna do governo começa a se transformar e como, finalmente, depois do período de maturação necessário, essa política, agora implementada de uma maneira diferente, gera um impacto positivo na vida dos cidadãos.

Chamamos esses casos de sucesso real de "Histórias de Oportunidades", e toda a rede comemora com orgulho quando os identificamos.

Uma cultura de facilitação significa compreender o papel do servidor público não como o de um simples executor de normas, mas como o de um facilitador de processos de transformação ágeis

As cidades não são modelos homogêneos: cada uma possui sua própria identidade, sua dimensão, sua cultura e sua matriz produtiva

CIDADES UCCI
DESAFIOS E OPORTUNIDADES


























Andorra-a-Velha



Uma pequena capital diante dos grandes desafios globais

Sergi González Camacho
Cônsul-Maior de Andorra-a-Velha
Vice-presidente da Região da Península Ibérica da UCCI

As cidades atravessam uma etapa de profunda transformação. As mudanças demográficas, econômicas e ambientais estão redefinindo a maneira como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos com o nosso entorno. Embora cada cidade tenha uma realidade própria, compartilhamos desafios comuns que exigem respostas inovadoras e uma visão de futuro capaz de colocar as pessoas no centro da ação pública.

Em Andorra-a-Velha, identificamos três grandes desafios estreitamente interligados: o acesso à moradia, a mobilidade urbana e a diversificação econômica. Mais do que desafios isolados, eles fazem parte de uma mesma visão de cidade e de uma mesma responsabilidade institucional: exercer o papel de capital para criar as condições urbanas, sociais e econômicas que permitam às pessoas desenvolver uma vida plena e às organizações gerar valor para toda a comunidade.

O primeiro desafio é a moradia. A crescente pressão sobre o solo disponível e o aumento da demanda habitacional exigem a busca de soluções que garantam o acesso a uma moradia digna e acessível. As cidades devem ser capazes de crescer preservando a coesão social, evitando que o acesso à moradia se transforme em um fator de exclusão e assegurando que as novas gerações possam desenvolver seu projeto de vida no lugar onde vivem e trabalham.



O segundo desafio é a mobilidade. As cidades contemporâneas devem oferecer alternativas que possibilitem deslocamentos seguros, eficientes e sustentáveis. Em Andorra-a-Velha, trabalhamos para consolidar um modelo urbano no qual a proximidade, a acessibilidade e a caminhabilidade ganhem protagonismo. A mobilidade não é apenas uma questão de infraestrutura; é também um instrumento para melhorar a saúde, fortalecer a coesão social e elevar a qualidade de vida da população. Uma cidade que pode ser percorrida a pé, que reduz barreiras e que prioriza as pessoas é uma cidade mais inclusiva e mais humana.

O terceiro desafio é a diversificação econômica. As cidades precisam fortalecer sua capacidade de gerar oportunidades em um contexto global marcado pela inovação tecnológica, pela transição ecológica e pela transformação dos mercados de trabalho. Andorra-a-Velha busca consolidar-se como um espaço atrativo para o empreendedorismo, a inovação e a atração e formação de talentos, promovendo atividades econômicas que gerem valor agregado e contribuam para uma prosperidade compartilhada.

Esses três desafios convergem para uma grande oportunidade: demonstrar que uma capital de pequenas dimensões pode se transformar em um laboratório urbano de referência, capaz de oferecer respostas eficazes a desafios globais. A escala de Andorra-a-Velha permite-nos implementar políticas próximas da população, testar soluções inovadoras e avançar com maior agilidade em direção a um modelo de desenvolvimento sustentável.

Nosso novo modelo urbano coloca as pessoas no centro de todas as decisões. Queremos uma cidade com identidade própria, preparada para enfrentar os desafios econômicos, sociais e climáticos do presente, comprometida com a sustentabilidade e orientada para melhorar a vida cotidiana de quem nela vive e de quem a visita.

Nós, cidades ibero-americanas, compartilhamos a convicção de que o futuro é construído a partir do âmbito local. E esse futuro depende da criação de ambientes mais habitáveis, mais inclusivos e mais dinâmicos. Em Andorra-a-Velha, estamos convencidos de que a melhor maneira de exercer o papel de capital é colocá-lo a serviço das pessoas.



FOTO: TONY LARA/COMÚ D'ANDORRA LA VELLA

Assunção



Os grandes desafios de uma cidade que se projeta para o futuro

Luis Bello
Prefeito de Assunção

Quando assumi como prefeito de Assunção, fiz isso com uma profunda convicção de serviço. Essa visão se resume no lema do nosso governo: Administrar é Servir. Nosso objetivo é construir uma cidade que olhe para o futuro, mas que mantenha sempre os cidadãos no centro.

Ao nos conectarmos com outras capitais ibero-americanas, compreendi que compartilhamos não apenas uma história comum, mas também desafios complexos que exigem de nós dinamismo, transparência, capacidade de gestão e, sobretudo, proximidade com as pessoas.

Assunção, nossa querida Mãe das Cidades, atravessa um momento histórico. Grandes investimentos, eventos internacionais, projetos de grande porte e o crescimento do turismo nos colocam diante de uma oportunidade única de transformação e projeção para o futuro.

Esse processo de crescimento estabelece um roteiro claro: consolidar uma capital moderna, aberta ao mundo, mas construída a partir de cada bairro, de cada rua e com o olhar voltado para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos.



Para avançar nesse caminho, definimos três eixos prioritários de gestão, nos quais trabalhamos de forma focada: alcançar uma cidade limpa, promover a recuperação viária e garantir um trânsito organizado. Para cumprir esses objetivos, também definimos dois componentes adicionais importantes de apoio: a revitalização dos espaços públicos e o fortalecimento da área de arrecadação da Prefeitura de Assunção.

O primeiro eixo de gestão é oferecer aos moradores de Assunção uma cidade limpa. Para isso, nossas equipes trabalham dia e noite na limpeza, na coleta de resíduos e na recuperação dos espaços públicos. Além disso, impulsionamos um projeto de lei para aplicar sanções mais rigorosas aos responsáveis por lixões clandestinos, porque cuidar de Assunção exige regras claras e consciência cidadã.

Nosso objetivo é recuperar a limpeza e a beleza dos espaços públicos, especialmente das áreas verdes, promover uma vida mais saudável e criar ambientes que favoreçam o encontro, a convivência e o lazer de moradores e visitantes em nossos parques, praças e ruas.

O segundo eixo de gestão é promover a recuperação viária da cidade. Estamos executando com determinação o Plano ASU 400, uma intervenção histórica para renovar, modernizar e recuperar a malha viária em pontos estratégicos e bairros da cidade, devolvendo segurança, conectividade e melhores condições de circulação aos cidadãos.

O terceiro eixo de gestão é concentrar esforços em ações que organizem o trânsito. Alcançar um trânsito mais ordenado em uma capital saturada de veículos e em constante movimento é fundamental para devolver aos cidadãos algo de valor inestimável: seu tempo. Nossos agentes municipais trabalham continuamente para agilizar a circulação e acompanhar a dinâmica diária de quem se desloca por Assunção.

Qual é a grande oportunidade por trás desses desafios? Consolidar a cidade de Assunção como um modelo de gestão confiável, eficiente e moderno na região, com resultados que as pessoas possam ver e desfrutar.

Temos consciência de que ainda há muito a fazer e de que a população exige soluções para os problemas do cotidiano. Mas, com gestão e uma verdadeira vocação de serviço, assumimos esses desafios para transformar Assunção em uma cidade aberta ao mundo.



FOTO: MUNICIPALIDAD DE ASUNCIÓN

Barcelona



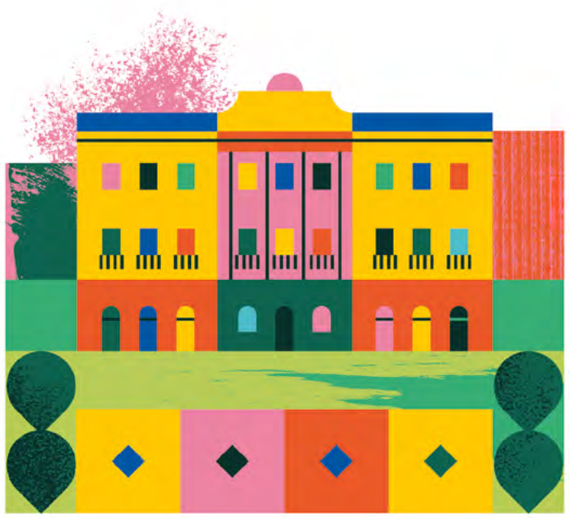
Barcelona pela diplomacia das cidades

Jaume Collboni
Prefeito de Barcelona

As cidades ibero-americanas precisam abrir uma nova etapa de cooperação. Somos nós, as cidades, que enfrentamos em primeiro lugar os principais desafios do nosso tempo, e o espaço ibero-americano será fundamental na configuração do novo cenário político global.

Barcelona tem um forte senso de responsabilidade nesta aliança. Como capital cultural e científica, queremos fortalecer a diplomacia das cidades em um momento em que precisamos fazer ouvir a nossa voz em defesa da democracia e das nossas instituições.

Hoje, as grandes metrópoles precisam ter a coragem de mudar as regras do jogo da governança global. Enfrentamos desafios que exigem ações urgentes.



O primeiro desafio urbano é a habitação. Em Barcelona, estamos mudando as regras do mercado para garantir o direito dos barceloneses e barcelonesas de permanecer na cidade. Isso significa ter a coragem de governar e estabelecer limites claros para as dinâmicas especulativas que pressionam nossos bairros. Ao mesmo tempo, estamos impulsionando a construção de moradias públicas para ampliar a oferta habitacional acessível e, em 2028, eliminaremos 100% dos apartamentos turísticos da cidade para que voltem a ter uso residencial.

O segundo desafio é a adaptação climática com equidade social. A crise climática exige investimentos que protejam os mais vulneráveis. Em Barcelona, estamos tornando isso realidade por meio de intervenções diretas, como a climatização de todas as escolas públicas, utilizando os recursos gerados pela tributação turística. Diante de fenômenos extremos, precisamos garantir ambientes seguros e resilientes, começando pela proteção dos mais vulneráveis.

E o terceiro desafio é a regulação da IA. Devemos defender uma regulação internacional da IA que a oriente para um humanismo tecnológico. A dignidade das pessoas deve ser o fundamento de seu uso, e suas funcionalidades devem garantir nossos direitos. A tecnologia deve estar a serviço da humanidade; nunca a humanidade a serviço da tecnologia.

Barcelona coloca sua projeção internacional a serviço do diálogo, da construção de pontes e da resolução de conflitos. Nossas cidades devem se afirmar como bastiões na defesa da democracia, da paz, do respeito e da dignidade inegociável dos direitos humanos.

Com os olhos voltados para a XXX Cúpula Ibero-Americana, da qual a Espanha será o país anfitrião, o II Encontro de Cidades Ibero-Americanas deve se consolidar como o espaço de coordenação urbana análogo à cúpula de Estados. As cidades têm a obrigação de articular e propor ações concretas em áreas como a habitação ou a emergência climática, que não podem mais esperar.



FOTO: PAULA JAUME

Bogotá



Três desafios globais, Bogotá, uma cidade que não espera

Carlos Fernando Galán
Prefeito de Bogotá

Quando os limites planetários da água foram ultrapassados, quando a taxa de fertilidade de uma megacidade latino-americana cai abaixo da de Tóquio e quando mais de 120 milhões de pessoas se encontram em situação de deslocamento forçado, as cidades deixam de ser espectadoras da crise global para se tornarem sua primeira linha de resposta.

Bogotá sabe disso. E age em conformidade.

Em 8 de abril de 2024, o sistema Chingaza, fonte de 75% da água consumida pela cidade, caiu para menos de 14,9% de sua capacidade. A administração distrital implementou um racionamento histórico que permitiu reduzir o consumo de 19 para 16,2 m³/s e economizar mais de 40 milhões de metros cúbicos. Hoje, Chingaza supera 60% de sua capacidade. Mas, para além da contingência superada, Bogotá está construindo sua resiliência hídrica de longo prazo: a modernização da estação de tratamento de Tibitoc elevará sua capacidade de tratamento de 3,6 para 10,5 m³/s, permitindo que, em cenários críticos, assuma até metade do abastecimento de uma cidade de 8 milhões de habitantes. Paralelamente, está sendo estruturado, em parceria com o Fundo Verde para o Clima e a Conservação Internacional, um projeto de restauração hídrica que protegerá as fontes que abastecem 21 municípios vizinhos.



O segundo desafio é mais silencioso, mas igualmente urgente. Bogotá tem hoje uma taxa de fertilidade de 0,91 filho por mulher, inferior à de Tóquio, em uma cidade que ainda não começou a sentir a queda demográfica, mas sabe que ela se aproxima. Nenhum sistema de seguridade social no mundo está preparado para essa mudança. A resposta de Bogotá não é entrar em pânico: é se antecipar. A cidade fortaleceu a articulação de seu sistema de saúde, ampliou as coberturas sociais e criou espaços de coordenação institucional para planejar o envelhecimento antes que ele chegue a um ponto crítico. Bogotá também está impulsionando a criação de uma cidade prateada, com políticas inovadoras de inclusão e cuidado.

O terceiro desafio é o mais visível em suas ruas. Bogotá acolhe mais de 380 mil vítimas do conflito armado interno e 21% dos 2,8 milhões de migrantes venezuelanos na Colômbia. Longe da improvisação, a cidade construiu uma política de integração baseada em um balcão único de atendimento, na incorporação ao sistema educacional — no qual 8% dos estudantes da rede pública são venezuelanos — e em programas de empregabilidade em parceria com o setor privado. O investimento na Política de Vítimas cresceu 23% em 2025. Integrar, não segregar: essa é a aposta.

Água, demografia, mobilidade humana. Três crises globais com uma única resposta possível: governos locais com capacidade técnica, inovação, visão de longo prazo e vontade política para agir antes que a urgência os ultrapasse. Bogotá não tem todas as respostas. Mas tem algo igualmente valioso: a determinação de buscá-las.



FOTO: SECRETARÍA DISTRITAL DE INTEGRACIÓN SOCIAL DE BOGOTÁ

Brasília



Gestão integrada, inovadora e responsável para o amanhã

Celina Leão
Governadora do Distrito Federal

Conhecida por sua arquitetura monumental e por sediar os três poderes da República, Brasília vai muito além de seu título de Patrimônio Cultural da Humanidade, concedido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Com uma população que chega a quase três milhões de habitantes, a capital federal enfrenta o desafio constante de preservar seu legado histórico enquanto constrói um futuro sustentável.

Neste cenário de intensa dinâmica populacional, o Distrito Federal (DF) consolida-se como a capital mais segura do Brasil. Dados do primeiro trimestre de 2026, do Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), apontam uma taxa histórica de 5,58 mortes por 100 mil habitantes. Essa realidade reflete o uso massivo de tecnologia e inovação aliado, principalmente, à estratégia de policiamento. Destaque para a plataforma DF 360, ferramenta que integra inteligência artificial a imagens de câmeras de videomonitoramento compartilhadas por cidadãos, condomínios e comércios com as forças de segurança, unindo a expertise policial à participação social. Esse ecossistema inteligente atua de forma integrada ao reforço do policiamento ostensivo, impulsionado pela nomeação recente de mais de 2,1 mil novos policiais.



O ambiente seguro também estimula a economia e atrai novos investimentos. Para promover a inclusão socioeconômica, o Governo do Distrito Federal (GDF) aposta na qualificação profissional descentralizada pelas Regiões Administrativas. Programas como o QualificaDF preparam a mão de obra para o mercado formal e para o empreendedorismo, enquanto o RenovaDF atua na inovação social, offering formação técnica na área da construção civil ao mesmo tempo em que os alunos recuperam espaços e equipamentos públicos da cidade.

A modernização da gestão avança com investimentos na digitalização total dos serviços públicos e na unificação segura de dados dos cidadãos. Essa busca por eficiência reflete-se na preservação estrutural do território. Na área ambiental, é importante considerar que Brasília está no coração do Cerrado, berço das principais bacias hidrográficas do país. As mudanças climáticas já afetam nossos mananciais. Contudo, o GDF garante a resiliência e a segurança hídrica por meio de um modelo inteligente de gestão que monitora os reservatórios do Descoberto e de Santa Maria em tempo real, fundamentais para o abastecimento de água da cidade.

Complementarmente, a consolidação da segurança jurídica avança no ordenamento territorial com frentes massivas de regularização fundiária. O avanço em mais de 370 áreas e a simplificação de novas leis facilitam a entrega de escrituras e a concessão de moradia digna para milhares de famílias e empreendedores.

Brasília demonstra que enfrenta e supera, por meio do uso massivo de tecnologia e da inovação, os maiores desafios globais das metrópoles modernas. Ao alinhar segurança baseada em inteligência, qualificação produtiva, governança digital, segurança hídrica e regularização da terra, Brasília reafirma seu papel estratégico na rede de capitais ibero-americanas, consolidando-se como uma metrópole inteligente, consciente, inclusiva e pronta para o amanhã.

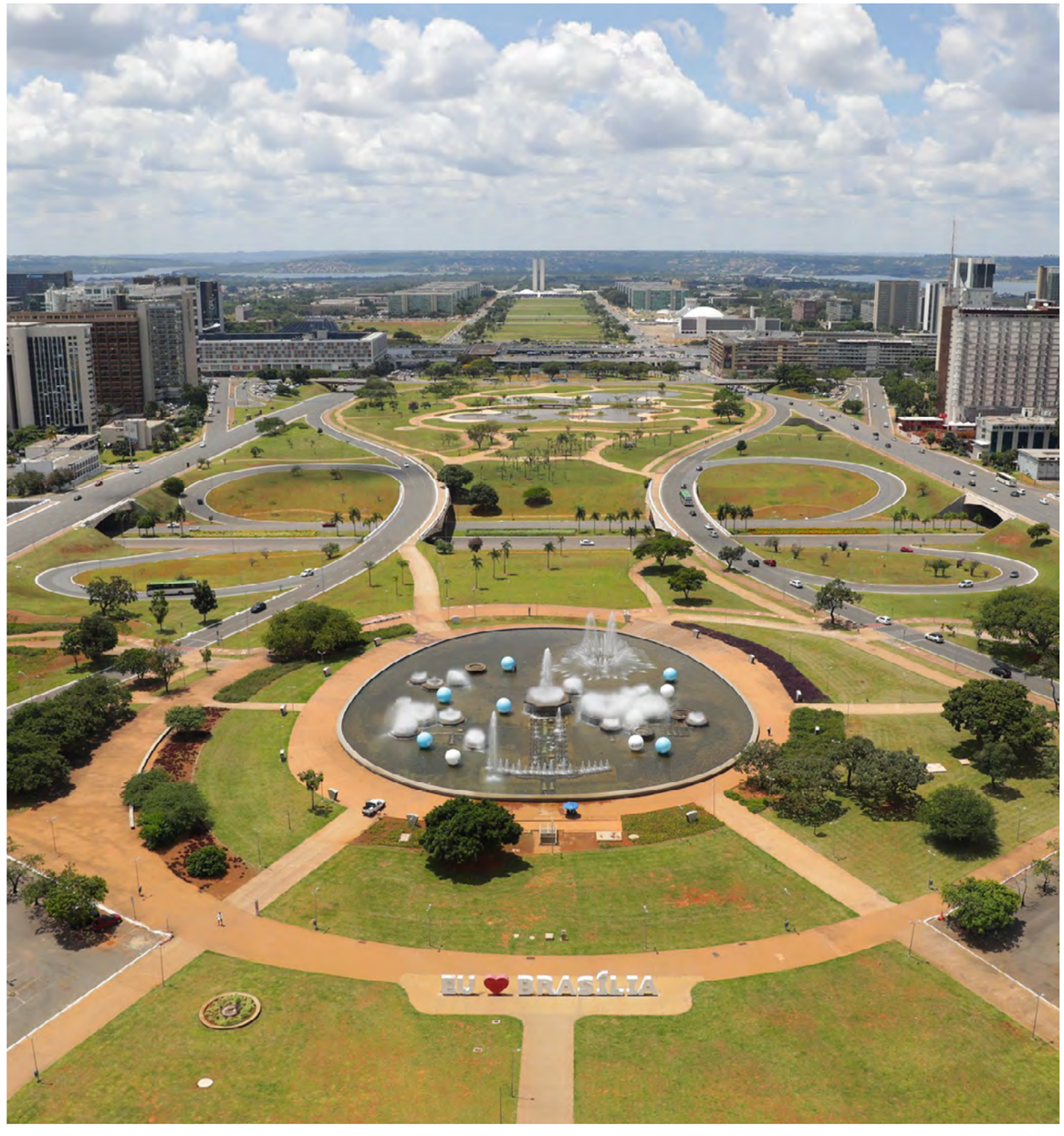


FOTO: GOBIERNO DEL DISTRITO FEDERAL DE BRASILIA

Cádiz



Os grandes desafios de Cádiz em relação à habitação, à sustentabilidade e à cultura

Bruno García
Prefeito de Cádiz

Cádiz é uma cidade com mais de três mil anos de história, uma das mais antigas do Ocidente e, ao mesmo tempo, uma cidade que olha para o futuro com ambição e responsabilidade. Nossa posição geográfica, nosso patrimônio histórico e nossa identidade aberta para o Atlântico nos transformaram em uma ponte natural entre a Europa e a Ibero-América. No entanto, como tantas cidades do século XXI, enfrentamos desafios que marcarão nosso desenvolvimento nas próximas décadas. Entre eles, destacam-se três grandes desafios: garantir o acesso à habitação, avançar rumo a um modelo urbano sustentável e consolidar nosso papel como cidade cultural de referência.

A habitação constitui hoje uma das principais preocupações da população. Cádiz possui um território municipal limitado e enfrenta uma elevada pressão sobre o mercado residencial. Nosso objetivo é facilitar o acesso a uma moradia digna, promovendo novos empreendimentos habitacionais de proteção pública, reabilitando o estoque imobiliário existente e implementando políticas que contribuam para manter a população na cidade.



Também estamos trabalhando na definição de uma série de normas urbanísticas destinadas a ampliar a oferta de moradias para os cidadãos e cidadãs de Cádiz, como, por exemplo, a proibição da criação de novas unidades de hospedagem turística em toda a cidade.

O segundo grande desafio é a sustentabilidade, área em que a mobilidade desempenha um papel fundamental. Estamos trabalhando para alcançar uma mobilidade mais limpa e, para isso, estamos prestes a lançar a licitação do serviço de transporte público, que trará inúmeras melhorias, entre elas avanços na área ambiental. Também estamos trabalhando na melhoria e recuperação dos espaços públicos e na eficiência energética. A sustentabilidade não é apenas uma obrigação ambiental; é também uma oportunidade para gerar emprego, inovação e qualidade de vida.

O terceiro desafio, estreitamente ligado à nossa identidade, é fortalecer o caráter de Cádiz como cidade cultural. A cultura faz parte do nosso DNA. Desde o legado histórico acumulado ao longo dos séculos até manifestações populares de alcance universal, como o Carnaval, Cádiz possui um patrimônio material e imaterial extraordinário. Queremos que a cultura seja um motor de desenvolvimento econômico, de coesão social e de projeção internacional. Para isso, trabalhamos na programação de grandes eventos e de outros de menor porte, na valorização dos nossos espaços patrimoniais e no incentivo à criação em todas as áreas.

Nesse contexto, destacamos o "Orgulhosos de Nossa História", com semanas anuais repletas de atividades participativas dedicadas a momentos fundamentais da história de Cádiz.

Habitação, sustentabilidade e cultura são, em suma, três eixos inseparáveis de uma mesma visão de cidade. Uma Cádiz mais habitável, mais sustentável e mais criativa será também uma cidade mais próspera, inclusiva e preparada para continuar fortalecendo seus históricos laços com todo o espaço ibero-americano.



FOTO: AYUNTAMIENTO DE CÁDIZ

Cidade da Guatemala



Construir uma Cidade da Guatemala mais conectada, humana e sustentável

Ricardo Quiñónez
Prefeito da Cidade da Guatemala

As cidades concentram hoje alguns dos maiores desafios do nosso tempo, mas também oferecem grandes oportunidades para transformar a vida das pessoas e de suas famílias.

Na Cidade da Guatemala, coração econômico do país, encaramos essa realidade com uma convicção: os desafios urbanos não podem ser enfrentados de forma isolada. Precisamos avançar a partir de uma visão metropolitana, por meio do trabalho interinstitucional, do envolvimento do setor privado e de algo muito importante: a participação cidadã. Tudo isso acompanhado de inovação e de uma perspectiva humana.

O primeiro grande desafio da Cidade da Guatemala é a mobilidade. Todos os dias, mais de 1,7 milhão de pessoas entram na cidade para realizar diferentes atividades, seja estudar, trabalhar ou empreender. O TransMetro, o TuBus, as rotas de minibuses elétricos, as ciclovias e projetos como o AeroMetro fazem parte de uma visão multimodal que busca oferecer mais alternativas de deslocamento e conexão, reduzindo progressivamente o uso do veículo particular.



A oportunidade está em construir uma cidade mais digna, que aproxime as pessoas de seus destinos e lhes devolva mais tempo para desfrutar com a família e em casa.

O segundo desafio é o trânsito. Segundo dados recentes, 1,5 milhão de veículos circulam diariamente pela cidade. Assim como ocorre na maioria das capitais ibero-americanas, a Cidade da Guatemala enfrenta um elevado fluxo de veículos sobre sua infraestrutura, resultado do crescimento populacional, da expansão metropolitana e do aumento da frota de veículos.

Diante dessa realidade, a gestão do trânsito precisa evoluir para modelos baseados em tecnologia e planejamento. A recente modernização do sistema semafórico, por meio do projeto Semáforos Conectados, melhorará os tempos de deslocamento em até 60% em determinados setores. Somadas à coordenação operacional, as informações em tempo real nos ajudam a tomar melhores decisões para construir uma cidade mais organizada, segura e funcional.

O terceiro desafio é a gestão dos resíduos sólidos. A gestão de resíduos é uma responsabilidade ambiental, sanitária e social que exige soluções de longo prazo. A cidade recebe diariamente 2.500 toneladas de resíduos, não apenas próprios, mas também provenientes de 14 municípios da região metropolitana.

Diante dessa realidade, promovemos uma transformação progressiva da área de disposição final, incorporando controle operacional, aproveitamento de resíduos e soluções ambientais. A captação de biogás gera energia para aproximadamente 380 residências, enquanto a produção anual de composto orgânico chega a cerca de 420 metros cúbicos, o equivalente a 264 toneladas de adubo natural.

Isso representa uma oportunidade para avançar rumo a uma gestão integral baseada na separação, valorização, tratamento e disposição final dos resíduos, por meio de modelos mais sustentáveis e corresponsáveis.

Esses três desafios têm algo em comum: transcendem as fronteiras administrativas. O futuro das nossas cidades dependerá da capacidade de coordenar esforços entre governos locais, governo central, setor privado e cidadãos.

Acredito que cada desafio urbano pode se transformar em uma oportunidade para construir uma cidade mais conectada, com mais oportunidades, resiliente e, acima de tudo, humana.



FOTO: MUNICIPALIDAD DE GUATEMALA

Cidade do Panamá



Uma cidade que governa a partir das ruas

Mayer Mizrachi
Prefeito da Cidade do Panamá

Governar uma cidade é, antes de qualquer outra coisa, uma decisão sobre onde você coloca o seu tempo. Cheguei a esta Prefeitura com uma certeza: ninguém governa bem atrás de uma mesa. Os desafios globais que enfrentamos como cidade não são temas para serem debatidos em fóruns; são realidades vividas por comunidades que estão a quilômetros de distância dos lugares onde essas conversas acontecem e essas decisões são tomadas. Isso muda a forma como entendemos esses desafios e a urgência com que os enfrentamos.



O primeiro desafio é a desigualdade urbana. As desigualdades dentro de uma mesma cidade podem ser maiores do que aquelas existentes entre países. Em nossa administração, aprendemos que confiança não se pede, se conquista — e se conquista indo até onde estão aqueles que têm menos. Mais de 300 milhões de dólares em investimentos serão destinados às periferias, onde está o verdadeiro crescimento. Enfrentar a desigualdade não é apenas uma questão de ética pública; é inteligência urbana, e essa é uma lição que se aplica a qualquer capital do mundo.

O segundo desafio é a transformação digital. O Panamá tem potencial para se tornar a cidade mais inteligente da América Central e do Caribe, e isso não é apenas uma aspiração: é um roteiro. Reduzimos processos de construção que levavam meses para apenas alguns dias. Lançamos o primeiro sistema da região para pagamento de impostos municipais com criptomoedas.

Construiremos o primeiro espaço físico aberto de intercâmbio intelectual destinado a formar cidadãos em inteligência artificial. A tecnologia não é um luxo para as cidades do futuro; hoje, é a ferramenta mais poderosa de equidade que temos.

O terceiro desafio é recuperar o orgulho pela cidade. O Panamá não sabia o quanto era bonito. Uma cidade que não gosta de si mesma não atrai investimentos, não retém talentos, não gera comunidade. Limpeza, ordem, espaços públicos recuperados, um carnaval sem custos para a Prefeitura que reuniu 168 mil pessoas. O básico, bem-feito, devolve dignidade aos bairros e identidade aos seus habitantes. E isso também não é exclusividade do Panamá.

A oportunidade é uma só: demonstrar que uma cidade bem administrada, com tecnologia, presença nas ruas e verdadeira vontade política, pode fazer mais com menos. Não como promessa, mas como modelo.

Cada centavo conta. Cada comunidade importa. Esta cidade vai brilhar.

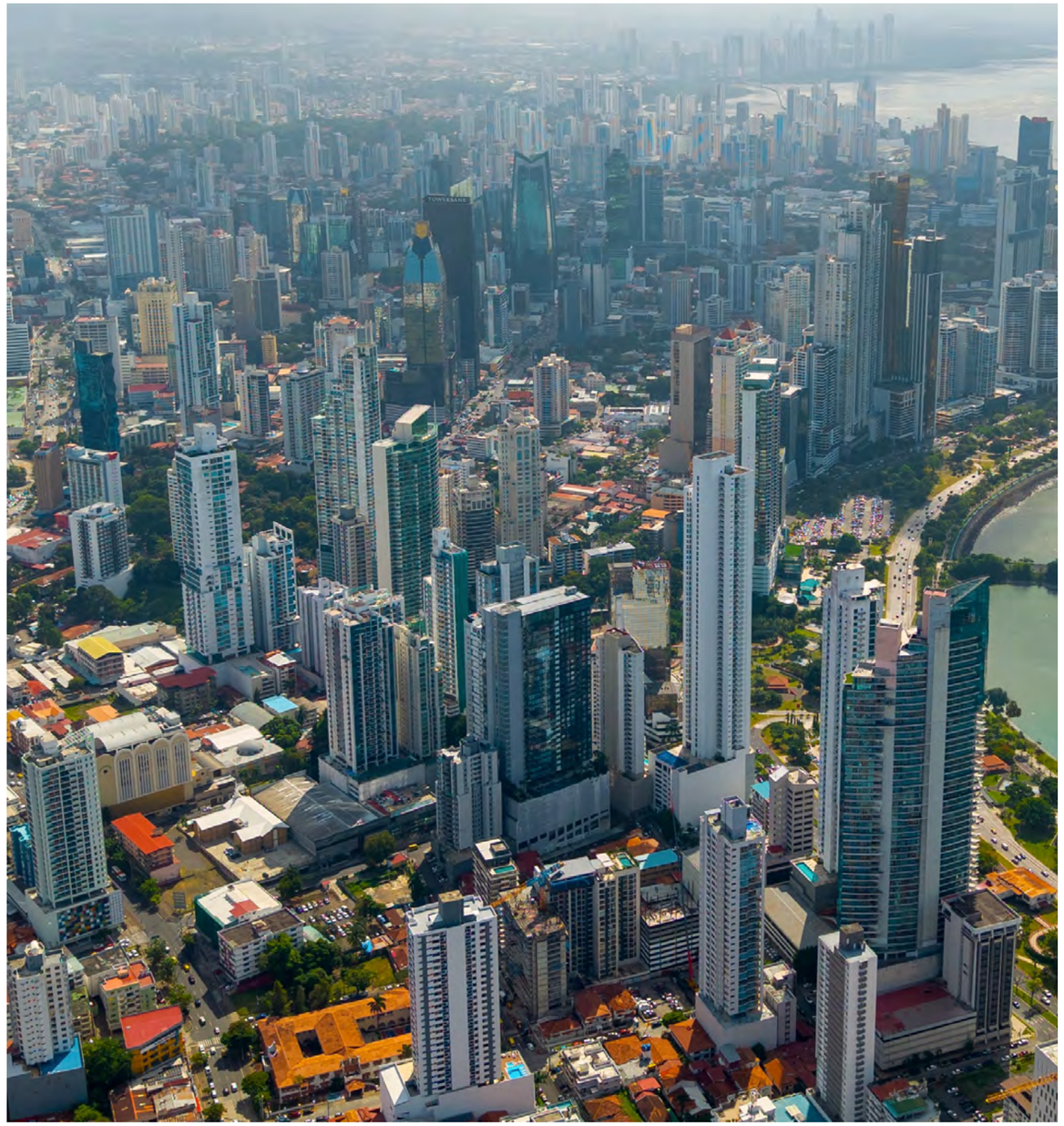


FOTO: JOSUE VILLALOBOS / ALCALDÍA DE PANAMÁ

La Paz



Inovação humana, diplomacia urbana e futuro compartilhado

César Luis Dockweiler Suárez
Prefeito Municipal de La Paz

La Paz é uma cidade que não admite indiferença. Localizada a mais de 3.600 metros acima do nível do mar, no coração andino da América do Sul, nossa capital é um testemunho vivo da diversidade, da resistência e da capacidade criativa de seu povo. Governá-la exige sensibilidade política, visão estratégica e, sobretudo, a convicção de que a inovação mais poderosa não está na tecnologia, mas nas pessoas que a conduzem e nela vivem. A partir dessa perspectiva, e em diálogo com as cidades-irmãs da UCCI, identifico três grandes desafios globais que marcam o horizonte de La Paz e que, ao mesmo tempo, abrem uma oportunidade histórica para sua transformação.

O primeiro é a crise climática. Para La Paz, esse não é um debate acadêmico nem uma agenda internacional abstrata: é uma realidade que se manifesta no recuo irreversível da geleira Chacaltaya, nas chuvas torrenciais que comprometem bairros inteiros e na gestão cada vez mais complexa da água. Diante disso, nosso governo assumiu que a resposta não pode ser apenas técnica; deve ser profundamente humana. Apostamos no fortalecimento das capacidades institucionais locais, no envolvimento das comunidades no planejamento territorial e no aprendizado, com humildade diplomática, a partir das experiências acumuladas por outras cidades da rede UCCI em matéria de adaptação urbana.



O segundo desafio é a desigualdade urbana estrutural. La Paz concentra uma extraordinária diversidade cultural, mas essa riqueza convive com profundas desigualdades no acesso a serviços básicos, a uma mobilidade digna e a oportunidades econômicas. Reduzir essas desigualdades exige mais do que investimento orçamentário: exige inovação institucional, uma gestão municipal comprometida e políticas públicas concebidas com a participação da população. O projeto Ciudades que cuidan, que desenvolvemos em cooperação com a UCCI, é um exemplo de como a cooperação internacional pode se traduzir em melhorias concretas para os bairros mais vulneráveis de nossa cidade. Cuidar é, por si só, um ato político.

O terceiro desafio é a construção de economias urbanas sustentáveis e inclusivas. A informalidade econômica, longe de ser uma fraqueza, encerra uma energia empreendedora que nosso governo está decidido a potencializar. La Paz tem a escala, a criatividade coletiva e a vocação necessárias para liderar, no contexto andino latino-americano, uma transição para modelos de economia circular que dignifiquem o trabalho, valorizem os saberes locais e gerem prosperidade compartilhada. Também aqui, a inovação humana é o vetor decisivo: são as pessoas, com sua criatividade e sua vontade, que transformam os sistemas.

A oportunidade que atravessa esses três desafios é, em essência, uma só: a cooperação entre cidades como motor da governança global. As redes ibero-americanas, e a UCCI em particular, representam muito mais do que um fórum de intercâmbio; são uma plataforma de ação política compartilhada na qual os governos locais podem incidir, com legitimidade e propósito, nos grandes debates do século XXI. La Paz não enfrenta esses desafios a partir da fragilidade nem do isolamento. Enfrenta-os com a convicção de que a inteligência institucional, a solidariedade entre cidades e a ousadia daqueles que gerem o setor público com vocação para servir são, juntas, a força mais transformadora que existe.

O futuro de La Paz se constrói em comunidade, e em comunidade o construiremos.



FOTO: SNOWSCAT

Lima



Lima diante de três desafios globais e uma grande oportunidade

Renzo Reggiardo Barreto
Prefeito Metropolitano de Lima
Vice-Presidente de Cultura da UCCI

As grandes cidades do século XXI enfrentam desafios que transcendem fronteiras e exigem respostas inovadoras, sustentáveis e colaborativas. Lima, uma metrópole de treze milhões de habitantes, não está alheia a essa realidade. Capital do Peru e um dos principais centros econômicos, culturais e turísticos da Hispano-América, Lima é também uma cidade com uma extraordinária herança histórica. Seu centro histórico, reconhecido pela UNESCO como Patrimônio Mundial, testemunha mais de quatro séculos de história e constitui um dos conjuntos monumentais mais importantes do continente. Essa riqueza patrimonial é parte essencial da nossa identidade e da nossa visão de futuro.

O primeiro grande desafio é a segurança cidadã e o fortalecimento da convivência urbana. A segurança constitui hoje uma das principais demandas dos nossos moradores e uma condição indispensável para o desenvolvimento econômico, social e cultural de qualquer cidade. Combater a criminalidade, recuperar os espaços públicos para as famílias e fortalecer a prevenção são tarefas prioritárias em nossa gestão e, nessa linha, implementamos importantes medidas com resultados positivos. Mas a segurança também implica reduzir as desigualdades sociais e territoriais que geram exclusão. A oportunidade que surge desse desafio é construir uma cidade mais integrada, onde os cidadãos possam exercer plenamente seus direitos e desenvolver seus projetos de vida em ambientes seguros e dignos.



O segundo desafio é a adaptação às mudanças climáticas e a construção de uma cidade mais resiliente. Lima enfrenta riscos associados ao estresse hídrico, aos fenômenos climáticos extremos e às pressões decorrentes do crescimento urbano. Diante disso, devemos impulsionar políticas que promovam a sustentabilidade ambiental, a recuperação dos espaços públicos, a ampliação das áreas verdes e a proteção responsável dos nossos recursos naturais. Esse desafio representa também uma oportunidade para consolidar uma cidade mais saudável, organizada e preparada para as próximas gerações.

O terceiro desafio é a mobilidade urbana e a integração territorial. As grandes capitais ibero-americanas compartilham a necessidade de oferecer sistemas de transporte mais eficientes, seguros e interconectados. Em Lima, trabalhamos para melhorar a conectividade, facilitar o deslocamento de milhões de pessoas e aproximar oportunidades de todos os setores da cidade. A oportunidade consiste em construir uma cidade mais acessível, competitiva e inclusiva, onde o crescimento urbano contribua para reduzir as desigualdades e fortalecer a integração social.

Diante desses três grandes desafios, existe uma oportunidade transversal que conecta todas as nossas ações: a cultura e o patrimônio como motores de desenvolvimento. Lima possui uma riqueza cultural excepcional, que se expressa em suas tradições, sua diversidade, sua gastronomia, suas manifestações artísticas e seu inestimável legado histórico. A conservação e a valorização do nosso patrimônio monumental não apenas preservam a memória coletiva da cidade, como também impulsionam o turismo, dinamizam a economia, fortalecem a identidade cidadã e geram oportunidades para milhares de pessoas. Recuperar e revitalizar nossos espaços históricos é também uma forma de construir cidadania e projetar Lima para o mundo.

A partir de Lima, reafirmamos nossa convicção de que as cidades são protagonistas fundamentais na construção de um futuro sustentável. Por meio da cooperação ibero-americana, do intercâmbio de experiências e do trabalho conjunto entre governos locais, poderemos transformar os desafios globais em oportunidades concretas para melhorar a vida dos nossos cidadãos. Essa é a tarefa que nos mobiliza e a responsabilidade que compartilhamos com as cidades-irmãs da UCCI.

Lima olha para o futuro sem renunciar à sua memória. Somos uma cidade que encontra em sua história, em sua diversidade e na criatividade de sua gente as ferramentas para enfrentar os desafios do século XXI. A cidade não descansa, e nós também não.



FOTO: JAIR ALEJANDRO GARCIA

Lisboa



Três desafios, uma vocação humana

Carlos Moedas
Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

Os grandes desafios do nosso tempo são globais, mas é à escala da cidade que as soluções acontecem. É nos nossos bairros e nas nossas ruas que transformamos, de facto, a vida das pessoas. Lisboa é, desde a sua fundação, uma cidade de pontes. Uma capital aberta, de frente para o Atlântico e para o mundo, que nunca vira a cara aos problemas. Hoje, enfrentamos três grandes convulsões globais, mas escolhemos encará-las não como fatalidades, mas como a verdadeira matéria-prima da nossa transformação.

O primeiro e mais urgente desafio é a Habitação. Esta é uma crise que corrói as grandes metrópoles globais de sucesso. Em Lisboa, a inflação e a escassez de oferta colocaram uma pressão incomportável sobre as famílias, os jovens e os trabalhadores essenciais. Uma cidade arrisca-se a perder a sua alma se expulsar precisamente quem a faz funcionar. Por isso, estamos a executar o maior investimento municipal de sempre nesta área: cerca de 900 milhões de euros até 2028, para construir 3 000 novas casas públicas. Estamos a construir, a reabilitar património devoluto, a inovar através de cooperativas e a apoiar diretamente as rendas. Construir cidade é, antes de mais, reconstruir a confiança das pessoas no seu direito ao bairro.



O segundo desafio é a Mobilidade e a Ação Climática. A descarbonização é um imperativo, e Lisboa assumiu o compromisso da neutralidade carbónica até 2030. Mas a nossa visão dita que a transição ambiental tem de ser, obrigatoriamente, uma transição social. Decidimos liderar pelo exemplo: instituímos a gratuitidade dos transportes públicos para os nossos jovens e mais velhos, uma medida histórica que já beneficia mais de 100 mil lisboetas. Paralelamente, estamos a descarbonizar a nossa frota de autocarros e a repensar o espaço público. Queremos uma cidade menos dependente do automóvel e menos poluída, sim, mas acima de tudo, mais justa.

Por último, o desafio demográfico e a urgência de um Estado Social Local. Vivemos num país com um envelhecimento pronunciado. Em Lisboa, cerca de 24% da população tem mais de 65 anos, o que representa mais de 130 mil seniores. Num mundo onde a solidão e o isolamento ganham terreno, o município tem de ser o primeiro escudo protetor. A nossa resposta foi a criação do Plano de Saúde 65+, que hoje já garante teleconsultas, assistência médica ao domicílio e apoios de saúde gratuitos aos nossos cidadãos mais velhos, contando com mais de 15.500 inscritos e mais de 6.000 consultas realizadas.

Estes três desafios convergem para uma oportunidade ímpar: provar que é possível projetar uma metrópole economicamente competitiva e, simultaneamente, profundamente solidária. O nosso grande propósito, e o contributo que Lisboa oferece hoje ao espaço ibero-americano, é o de sermos um laboratório vivo onde o futuro se constrói à escala humana, garantindo que ninguém fica para trás.



FOTO: CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Manágua



Transformando desafios globais em oportunidades locais

Reyna Rueda
Prefeita de Manágua

As cidades são o lugar onde os desafios globais se transformam em realidades cotidianas: as mudanças climáticas, a expansão urbana e a revolução tecnológica estão transformando a maneira como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos. Como capital da Nicarágua e principal centro urbano do país, Manágua encara esses desafios como oportunidades para continuar construindo uma cidade mais humana, resiliente e inclusiva, colocando as pessoas, as famílias e as comunidades no centro de suas ações.

O primeiro desafio é a adaptação às mudanças climáticas e o fortalecimento da resiliência urbana. Como muitas cidades da América Latina e do Caribe, Manágua está exposta a fenômenos meteorológicos extremos que aumentam o risco de inundações e colocam à prova a segurança das famílias e a infraestrutura urbana. Para responder a esse desafio, a Prefeitura tem promovido importantes investimentos em obras de drenagem pluvial, mitigação de riscos e melhoria da infraestrutura urbana. A oportunidade está em continuar fortalecendo uma cidade mais resiliente, sustentável e preparada para o futuro, combinando infraestrutura moderna com maior consciência ambiental, cultura de prevenção e participação cidadã no cuidado com os canais de drenagem, as áreas verdes e os espaços públicos.



O segundo desafio é garantir um habitat digno e um crescimento urbano inclusivo. Em Manágua, enfrentamos uma demanda crescente por moradia, serviços e infraestrutura. Por meio de programas habitacionais e investimentos em infraestrutura urbana, avançamos na ampliação do acesso das famílias a melhores condições de vida. Isso nos oferece a oportunidade de desenvolver uma cidade mais organizada, acessível e equitativa, onde cada família possa viver com dignidade, segurança e melhores oportunidades para seu desenvolvimento.

O terceiro desafio é impulsionar a inovação e a transformação digital da gestão urbana: as novas tecnologias estão redefinindo a maneira como as cidades planejam seu desenvolvimento e prestam serviços à população. Para Manágua, a modernização progressiva da gestão municipal representa uma meta fundamental para fortalecer a eficiência institucional e aproximar os serviços públicos das famílias. A oportunidade está em aproveitar a inovação para construir uma cidade mais conectada, transparente e preparada para responder às demandas de uma sociedade em constante transformação.

Em Manágua, estamos convencidos de que os desafios globais encontram suas melhores respostas na ação local. Com a participação das famílias, das comunidades e das instituições, continuamos transformando os desafios do presente em oportunidades para construir uma cidade resiliente, inclusiva e inovadora, capaz de gerar bem-estar, fortalecer a coesão social e garantir um futuro mais próspero para todas e todos.



FOTO: ALCALDÍA DE MANAGUA

Montevidéu



Os desafios globais: construir uma cidade mais integrada, sustentável e humana

Mario Bergara
Intendente de Montevidéu
Vice-Presidente da Região do Cone Sul da UCCI

As cidades ocupam hoje um lugar central nas grandes transformações do mundo. As mudanças climáticas, as desigualdades sociais, as transformações tecnológicas e as novas dinâmicas econômicas têm uma expressão concreta na vida cotidiana de nossos bairros e comunidades. E é nas cidades que muitas vezes surgem as respostas mais próximas, inovadoras e democráticas a esses desafios.

Montevidéu enfrenta esse cenário a partir de uma identidade própria, construída em torno da convivência, dos direitos, da proximidade e da ideia de que o desenvolvimento deve ser uma construção coletiva.

Um dos principais desafios é a questão ambiental. As mudanças climáticas já não são uma discussão sobre o futuro: são uma realidade que afeta nossas áreas costeiras, nossa infraestrutura urbana, nossos sistemas de saneamento e a qualidade de vida da população. As inundações, as ondas de calor e a pressão sobre os recursos hídricos nos obrigam a pensar a cidade a partir da resiliência e da sustentabilidade.

Montevidéu vem promovendo políticas voltadas para a transição ecológica e para um desenvolvimento urbano sustentável. A mobilidade sustentável, a recuperação dos espaços públicos e das áreas verdes, a gestão ambiental, a economia circular e as ações de adaptação costeira fazem parte de uma visão integral que busca melhorar a vida das pessoas e preparar a cidade para os desafios do futuro.

A Agenda 2030 e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são uma referência para orientar as políticas públicas locais. Montevidéu assume o desafio de construir uma cidade mais inclusiva, segura, resiliente e sustentável, entendendo que o desenvolvimento só é possível quando combina crescimento econômico, justiça social, sustentabilidade ambiental e fortalecimento democrático. As agendas globais ganham sentido quando se traduzem em melhorias concretas para as pessoas e em soluções adaptadas às realidades locais.



O grande desafio é construir uma cidade mais integrada e igualitária. Montevidéu convive com desigualdades territoriais e sociais que se manifestam no acesso à moradia, aos serviços, ao emprego e às oportunidades. Somam-se a isso fenômenos como o envelhecimento da população, as novas dinâmicas migratórias e situações de exclusão e discriminação que exigem respostas públicas contínuas.

O desenvolvimento urbano deve ter as pessoas no centro. Por isso, promovemos políticas de cuidados, convivência, inclusão social e fortalecimento dos espaços públicos como lugares de encontro. Queremos uma cidade onde todas as pessoas possam usufruir plenamente do espaço urbano, independentemente do bairro onde vivam ou de sua condição social.

O terceiro desafio é a inserção internacional e o desenvolvimento econômico em um mundo competitivo e dinâmico. As cidades desempenham um papel fundamental na geração de inovação, conhecimento, empregos de qualidade e cooperação internacional.

Montevidéu possui importantes fortalezas para se posicionar nesse cenário. Contamos com estabilidade institucional, capacidades humanas, tradição democrática e boa qualidade de vida urbana. Temos a oportunidade de consolidar um modelo de desenvolvimento baseado na inovação, na economia do conhecimento, na cultura, nos serviços e na sustentabilidade.

A cidade deve fortalecer suas capacidades tecnológicas, reduzir as desigualdades digitais e promover um desenvolvimento equilibrado entre crescimento econômico, inclusão social e sustentabilidade ambiental. Esse equilíbrio é fundamental para a construção de um desenvolvimento sustentável.

Nesse contexto, vejo uma grande oportunidade para Montevidéu: consolidar-se como uma cidade latino-americana de referência por sua capacidade de combinar democracia, coesão social, sustentabilidade e qualidade de vida.

Em um cenário internacional marcado pela fragmentação, pela intolerância e pela desigualdade, Montevidéu pode mostrar que é possível construir uma cidade aberta, integradora e com forte vocação pública. Uma cidade que aposta no diálogo, na cooperação e na construção coletiva de soluções.

Esse é o caminho que queremos continuar aprofundando, construindo uma Montevidéu moderna e inovadora, mas também mais humana, mais justa e mais agradável para todas as pessoas.



FOTO: INTENDENCIA DE MONTEVIDEO

Quito



O mais importante é a qualidade de vida dos cidadãos

Pabel Muñoz
Prefeito Distrito Metropolitano de Quito
Vice-Presidente da Região Andina da UCCI

As cidades são o espaço onde os grandes desafios globais ganham um rosto humano. É nelas que a pobreza limita oportunidades, que a insegurança afeta a convivência e que as mudanças climáticas se manifestam com maior intensidade. Quito não está alheia a essa realidade. No entanto, é também nas cidades que podem surgir as respostas mais inovadoras e próximas dos cidadãos.

O primeiro desafio é reduzir a pobreza e as desigualdades. A cidade só pode prosperar quando o desenvolvimento chega a todos os seus habitantes. Uma cidade que cresce deixando para trás parte de sua população não pode ser considerada uma cidade desenvolvida. Gerar oportunidades, ampliar o acesso aos serviços e garantir uma mobilidade eficiente são condições indispensáveis para melhorar a qualidade de vida e fortalecer a coesão social.

O segundo desafio é a crescente insegurança, um flagelo que afeta muitas cidades da América Latina e, especialmente, do Equador, como consequência da deterioração das estruturas sociais. Diante disso, Quito tem promovido uma visão de segurança que vai além do controle da criminalidade e coloca ênfase na recuperação do espaço público, na convivência, na corresponsabilidade cidadã e na construção de comunidades mais integradas.



O terceiro desafio são as mudanças climáticas. As cidades têm a responsabilidade de acelerar a transição para modelos de desenvolvimento mais sustentáveis, reduzindo emissões, fortalecendo a resiliência e promovendo uma mobilidade limpa que contribua para proteger o meio ambiente e a saúde das pessoas.

Nesse contexto, o Metrô de Quito representa muito mais do que uma obra de infraestrutura. Não é apenas um pilar da mobilidade sustentável, mas também um dinamizador do tecido social. Constitui uma oportunidade para responder simultaneamente a esses três desafios. Para além de ser o eixo da mobilidade sustentável da capital, o Metrô integra uma cidade marcada por uma complexa geografia longitudinal, aproxima as pessoas de oportunidades de emprego, educação e serviços e devolve tempo de qualidade a milhares de famílias.

Como resultado de suas externalidades, cada uma de suas estações começa a transformar o entorno urbano. As economias locais são dinamizadas, surgem novos espaços comerciais, os bairros se fortalecem e setores da população que antes permaneciam desconectados entre si passam a se integrar. Ao mesmo tempo, o Metrô promove uma nova cultura cidadã baseada no respeito, no cuidado com os espaços comuns e na convivência cotidiana.

O mais importante não é a infraestrutura, mas a qualidade de vida dos cidadãos. A infraestrutura importa na medida em que melhora a vida das pessoas. O Metrô de Quito não apenas transporta passageiros: conecta pessoas a oportunidades, promove espaços de inclusão, reduz desigualdades territoriais, contribui para a redução das emissões e fortalece o tecido social. Daí a importância vital de sua ampliação até alcançar os setores mais importantes da população.

O Metrô de Quito demonstra que a mobilidade sustentável também pode se transformar em uma política de inclusão, uma estratégia para revitalizar a economia urbana, uma ferramenta para construir cidadania e um instrumento para enfrentar alguns dos desafios mais importantes do nosso tempo.



FOTO: MUNICIPIO DEL DISTRITO METROPOLITANO DE QUITO

San José



Governança humana e inteligência coletiva diante da encruzilhada global

Diego Miranda Méndez
Prefeito de San José

Como autoridades locais, constatamos diariamente que os grandes dilemas da humanidade, neste complexo século XXI, se materializam e precisam ser enfrentados nas ruas de nossos bairros.

A partir de San José, após mais de dois anos promovendo uma profunda mudança política, identificamos três desafios globais que exigem uma reflexão crítica e ações ousadas.

Depois de décadas de estagnação institucional que afastaram os cidadãos das decisões públicas, nosso imperativo é reconstruir o tecido cívico. Nesse contexto, a tecnologia e a inteligência artificial surgem não apenas como ferramentas de modernização, mas também como garantias de transparência. Ao digitalizar e abrir nossos processos, combatemos a corrupção estrutural e evoluímos para um modelo de governança verdadeiramente deliberativo e participativo.



O segundo desafio é a profunda desigualdade social. Corremos o risco de que a nova era tecnológica amplie as desigualdades existentes. Por isso, nossa resposta é colocar a equidade em primeiro lugar. Entendemos que uma cidade inteligente deve ser, antes de tudo, uma cidade profundamente humana e empática. Nossas políticas priorizam as populações historicamente relegadas, apostando na juventude, nas mulheres e nas pessoas excluídas, garantindo que a inovação se traduza em oportunidades reais de mobilidade social.

O terceiro desafio é a urgência climática. As metrópoles precisam transformar sua relação com o meio ambiente. Em San José, assumimos a responsabilidade de cuidar do planeta como nossa casa comum. Promovemos soluções baseadas na natureza, a recuperação dos espaços públicos para as pessoas e o fortalecimento de nossos corredores biológicos, entendendo que a harmonia urbana é fundamental para a resiliência da capital.

Esses três imensos desafios convergem em uma oportunidade histórica: romper o continuum da história. Este momento nos permite transformar a apatia em organização comunitária. Ao unir a vanguarda tecnológica ao profundo amor por nossas comunidades, demonstramos que as capitais ibero-americanas têm a capacidade de liderar um novo paradigma.

Com pragmatismo e solidariedade, estamos construindo cidades onde a vida, em todas as suas dimensões, merece ser vivida com dignidade e esperança.

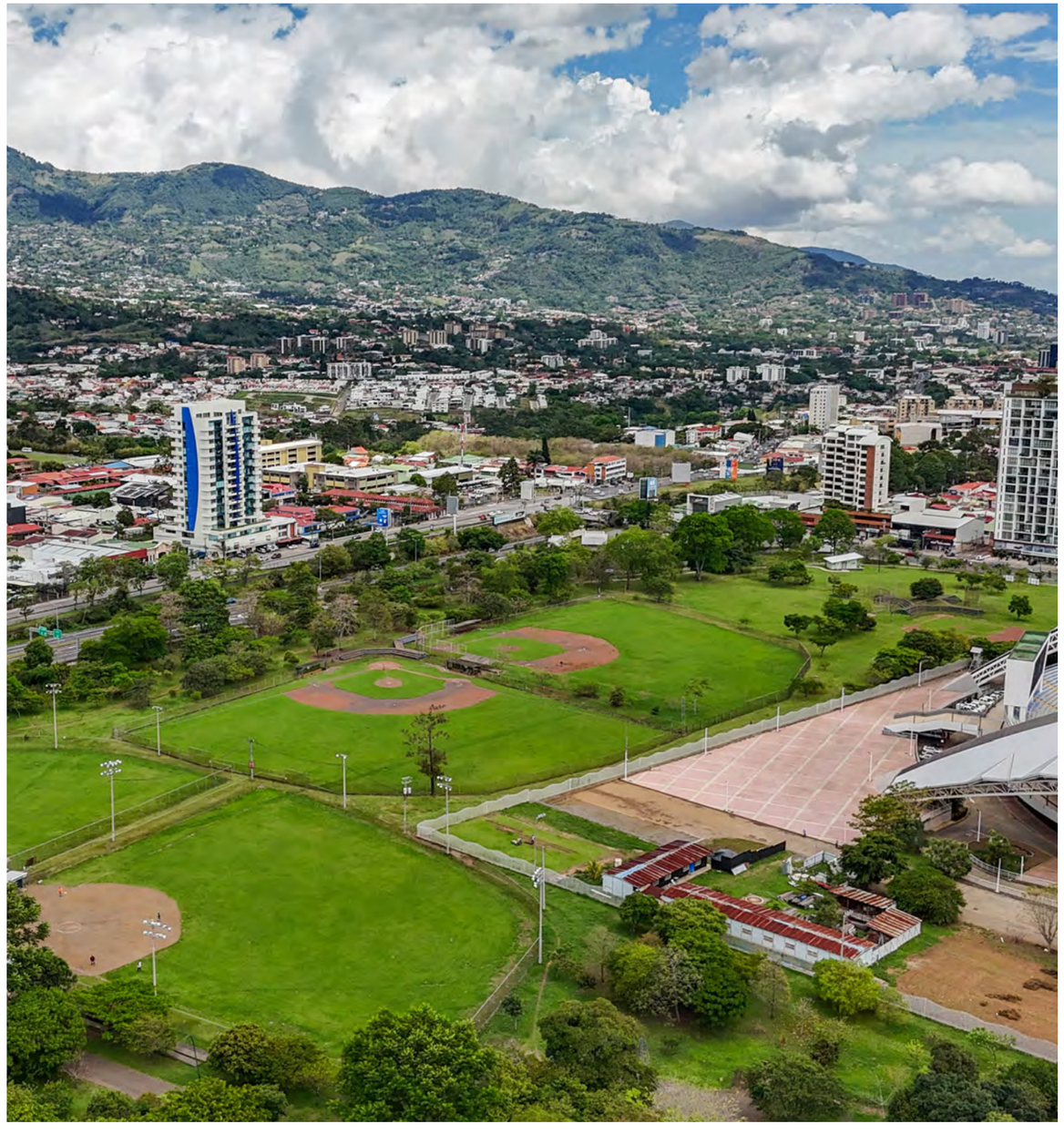


FOTO: MUNICIPALIDAD DE SAN JOSÉ

San Juan



Desafios globais de uma capital com 500 anos de história

Miguel A. Romero Lugo
Prefeito de San Juan

A capital de San Juan enfrenta desafios globais a partir de uma realidade singular: somos uma cidade com cinco séculos de história e o principal centro econômico, turístico, governamental, cultural e residencial de Porto Rico. Essa realidade exige de nós uma gestão com visão ampla, capaz de preservar nossa história e atender a diferentes necessidades de curto, médio e longo prazo.

O primeiro desafio é regulamentar o crescimento urbano e o desenvolvimento econômico de forma responsável, sem sacrificar a qualidade de vida nem afetar de maneira desproporcional a atividade econômica. Em diversas áreas de San Juan, as atividades turística, comercial, cultural e noturna coexistem com comunidades residenciais vibrantes. Essa convivência exige regras claras e adequadas aos novos tempos. Por isso, em 2023, adotamos um novo Código de Orden Público, que atualizou e reuniu as normas de convivência cidadã que não eram revisadas havia décadas.



Isso permitiu estabelecer um equilíbrio mais adequado entre a atividade comercial e a vida comunitária, buscando garantir que o desenvolvimento econômico ocorra de forma ordenada e levando em consideração a tranquilidade e o bem-estar dos moradores.

O segundo desafio é fazer com que uma cidade histórica seja também resiliente. San Juan, como cidade tropical, enfrenta desafios climáticos e interrupções de serviços essenciais, agravados pela deterioração acumulada da infraestrutura elétrica e de abastecimento de água. Diante dessa realidade, a resiliência não pode se limitar a responder depois de uma emergência. Por isso, neste ano, iniciamos o Programa de Continuidad Operacional para Pequeños Negocios, que incentiva a aquisição de cisternas, geradores e baterias por parte desse setor econômico. Soma-se a isso o programa de baterias solares, por meio do qual já foram entregues quase 3.000 unidades a cidadãos acamados ou com condições crônicas de saúde, de renda baixa ou moderada, cuja vida depende de equipamentos médicos elétricos.

O terceiro desafio é sustentar uma economia mais inclusiva, moderna e conectada. San Juan não pode depender exclusivamente de seu valor histórico ou de sua localização privilegiada. Precisa ser uma cidade onde empreender, trabalhar, estudar e se deslocar seja mais fácil. Programas como Emprendimiento Capital, o Concierge Empresarial e o novo modelo de incentivos econômicos por meio do Plan de Transformación Económica de la Ciudad Capital colocam San Juan em uma posição melhor para promover um desenvolvimento econômico de longo prazo. Soma-se a essas iniciativas La Línea de San Juan, um sistema gratuito de transporte coletivo municipal, com rotas que conectam comunidades, estabelecimentos comerciais, centros urbanos e serviços essenciais.

A grande oportunidade de San Juan está em transformar sua história e seus desafios em uma base sólida para seu desenvolvimento econômico e social rumo aos próximos 500 anos. Estabelecer uma ordem para o crescimento urbano, fortalecer a resiliência e promover uma economia mais inclusiva fazem parte da visão de construir uma capital que honra sua história, atende às necessidades do presente e deixa um legado importante para as futuras gerações.



FOTO: MUNICIPIO DE SAN JUAN

San Salvador



Transformar os desafios globais em oportunidades para as cidades ibero-americanas

Mario Durán
Prefeito de San Salvador Centro
Vice-Presidente de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Inovação da UCCI

As cidades ibero-americanas enfrentam desafios complexos e compartilhados. As mudanças climáticas, a transformação digital, a recuperação econômica e a construção de cidades seguras e inclusivas marcam a agenda global e impactam a vida de milhões de pessoas. Esses desafios também representam oportunidades para redefinir o futuro urbano de nossas capitais.

Em San Salvador Centro, consideramos três grandes desafios globais que definirão nosso futuro urbano: a recuperação econômica sustentável, a adaptação urbana às mudanças climáticas e a transformação por meio da inovação e da tecnologia.

O primeiro grande desafio é a recuperação econômica e a geração de oportunidades. Durante muitos anos, San Salvador enfrentou limitações decorrentes da insegurança, do abandono do espaço público e da perda de dinamismo econômico, especialmente no Centro Histórico. No entanto, a melhoria das condições de segurança em El Salvador abriu oportunidades para impulsionar o investimento, o turismo e a revitalização urbana.

Hoje, San Salvador Centro vive um processo de regeneração urbana que permitiu recuperar espaços públicos, atrair investimentos e fortalecer a economia local por meio do turismo, da cultura e da gastronomia. Esse processo demonstra que uma visão estratégica pode transformar as cidades em motores de desenvolvimento, devolver o espaço público à população e gerar confiança para o investimento. O desafio é garantir que esse crescimento seja inclusivo e sustentável.



O segundo grande desafio é a adaptação às mudanças climáticas e a construção de cidades resilientes. As cidades concentram grande parte da população e da atividade econômica, mas também são vulneráveis a fenômenos climáticos extremos. San Salvador Centro enfrenta desafios relacionados a inundações, gestão de resíduos, mobilidade urbana e proteção ambiental, que exigem respostas integradas.

No entanto, essa realidade representa uma oportunidade para criar territórios sustentáveis. A recuperação de parques urbanos, a modernização dos sistemas de gestão de resíduos sólidos e a criação de espaços públicos acessíveis fazem parte de uma nova visão urbana para San Salvador Centro. Na UCCI, acreditamos que as cidades ibero-americanas devem fortalecer a cooperação e o intercâmbio de experiências para acelerar soluções climáticas e avançar rumo a modelos sustentáveis.

O terceiro desafio global é a transformação digital e a inovação urbana. As novas tecnologias redefinem a forma como as cidades gerenciam a mobilidade, a segurança, o turismo, os serviços públicos e a relação com a população. A inovação não é uma opção; é uma necessidade para construir cidades mais eficientes, competitivas e humanas.

Em San Salvador Centro, promovemos ações para digitalizar serviços, fortalecer o desenvolvimento de cidades inteligentes e incentivar a inovação na gestão urbana. Entendemos que a tecnologia deve estar a serviço das pessoas e contribuir para reduzir as desigualdades sociais e territoriais. A partir da Vice-Presidência de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Inovação da UCCI, devemos promover o intercâmbio de boas práticas para impulsionar ecossistemas urbanos inovadores e preparados para o futuro.

Essa transformação exige liderança local, alianças estratégicas e cooperação internacional. Compartilhar conhecimento, mobilizar recursos e adaptar experiências bem-sucedidas permitirá que nossas cidades respondam aos desafios comuns e os transformem em oportunidades de bem-estar para seus cidadãos.

As cidades ibero-americanas têm a oportunidade de se tornar protagonistas das soluções globais. San Salvador Centro demonstra como uma cidade pode transformar desafios históricos em oportunidades de desenvolvimento, resiliência e inovação. O futuro urbano dependerá de nossa capacidade de cooperar, compartilhar experiências e construir uma visão urbana sustentável, inclusiva e humana para a Ibero-América.

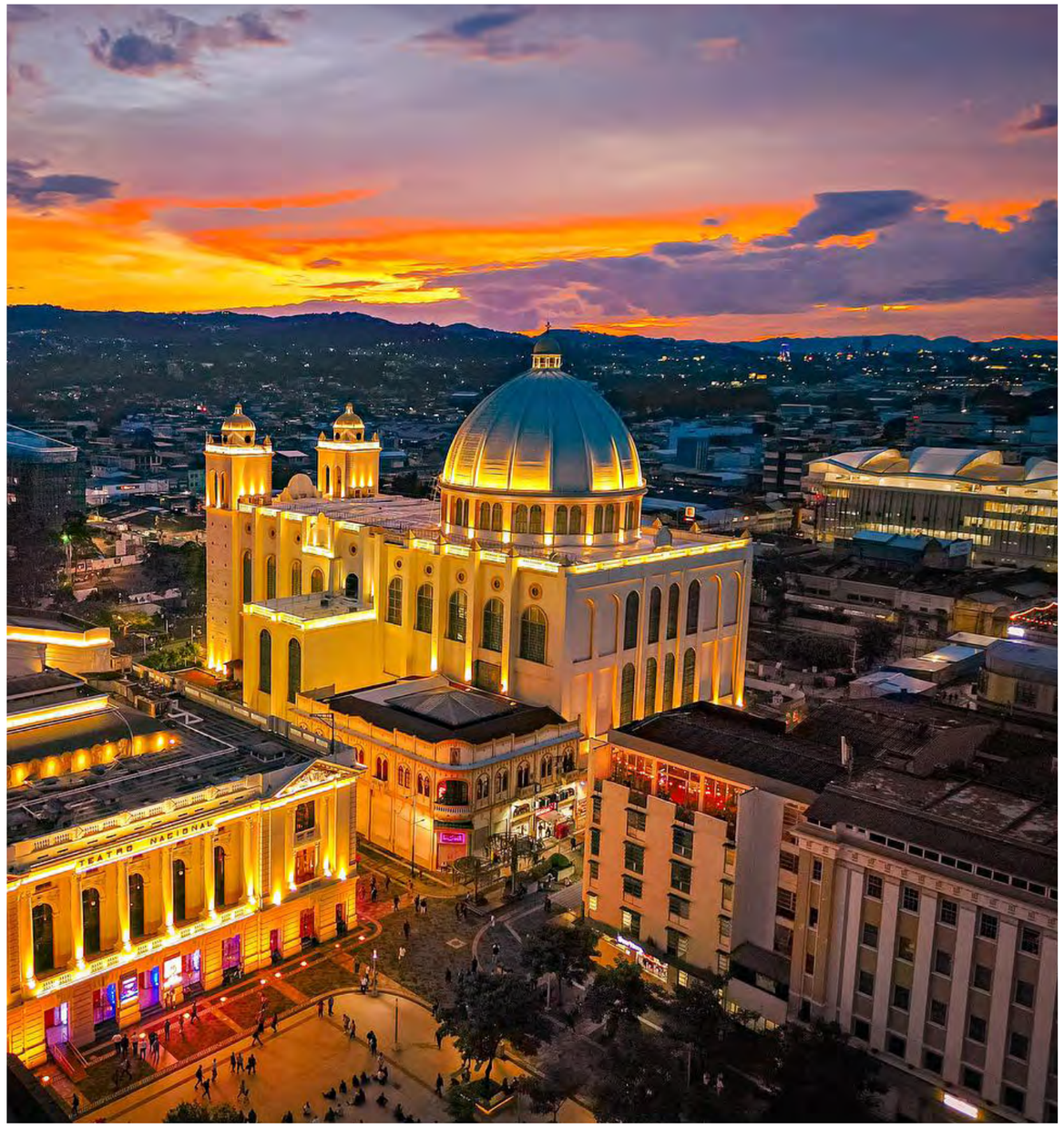


FOTO: ALCALDÍA DE SAN SALVADOR CENTRO

Santo Domingo



O bem-estar como eixo de uma cidade que cuida e gera oportunidades

Carolina Mejía
Prefeita de Santo Domingo
Vice-Presidente de Política Social e Bem-Estar da UCCI

Como prefeita de Santo Domingo e, na qualidade de Vice-Presidente de Política Social e Bem-Estar da União das Cidades Capitais Ibero-Americanas (UCCI), quero compartilhar uma visão clara: o bem-estar das pessoas é a base sobre a qual se constrói um desenvolvimento social sustentável e resiliente. Em nossa cidade, colocamos esse princípio no centro de cada decisão e de cada projeto.

Quando o bem-estar é incorporado como uma política pública transversal, ele transforma a maneira de planejar, executar e avaliar. Em Santo Domingo, construímos um modelo no qual as ações de governo devem gerar benefícios tangíveis na vida cotidiana das pessoas: menos pobreza, maior acesso a serviços, espaços de convivência seguros e abertos e uma cidadania mais participativa.

Uma demonstração desse compromisso é a revitalização de nossos espaços públicos. Em seis anos, criamos e melhoramos mais de 240 espaços, entre parques, praças e áreas de lazer, que somam mais de 1 milhão de metros quadrados. Antigos espaços vazios, sujos ou escuros foram transformados em lugares de convivência. Hoje, são ambientes seguros onde meninas e meninos brincam, os jovens aprendem e empreendem, e as pessoas idosas retomam hábitos de vida ativos. Isso é bem-estar: ambientes que fortalecem a vida comunitária e melhoram a qualidade de vida urbana.



Entre as obras emblemáticas destacam-se o Malecón Deportivo e o Paseo 30 de Mayo. Esses espaços não apenas melhoram a mobilidade e a qualidade do espaço público; são também novos cenários de encontro, esporte, cultura e convivência cidadã.

As duas obras fazem parte de um projeto maior: os Jogos Centro-Americanos e do Caribe Santo Domingo 2026. Esse evento não é apenas uma vitrine esportiva; é uma oportunidade para demonstrar que a cidade está preparada para receber milhares de pessoas, gerar empregos, dinamizar a economia local e promover o bem-estar social. Essas infraestruturas, no contexto de um grande evento internacional, reforçam a ideia de que o investimento em espaços públicos e na convivência cidadã gera um retorno social e econômico direto.

Os espaços públicos são pulmões da cidade e lugares de encontro que devem permanecer acessíveis a todos. Nosso modelo de cogestão do espaço público envolve as comunidades como fiscalizadoras de seu uso e do cumprimento das normas. Essa abordagem é uma estratégia de governança que promove a transparência, a corresponsabilidade e o cuidado com o entorno.

A sustentabilidade do bem-estar também depende de alianças com o setor privado. No Centro Futuro, mais de 1.300 jovens tiveram acesso a formações técnico-profissionais, conectando educação, emprego e desenvolvimento local. Essas iniciativas mostram como a educação técnica e a formação voltada para o trabalho podem reduzir a desigualdade de oportunidades e fortalecer o capital humano da cidade. As parcerias público-privadas, geridas com transparência e enfoque social, ampliam os caminhos para que as famílias tenham acesso a uma vida mais estável.

Um chamado à colaboração regional

A experiência de Santo Domingo deixa quatro aprendizados claros que podem ser replicados em âmbito regional:

1. Fazer do bem-estar uma política transversal da gestão pública.
2. Transformar os espaços públicos em motores de convivência, saúde e desenvolvimento.
3. Fortalecer a participação cidadã como garantia de equidade.
4. Promover parcerias público-privadas que facilitem a formação, o emprego e o desenvolvimento econômico sustentável.

Convido as cidades a olhar para Santo Domingo como um laboratório de práticas adaptáveis aos contextos locais. Se conseguirmos ampliar essas experiências e adaptar seus princípios às realidades de cada cidade, estaremos construindo uma rede ibero-americana de cidades que cuidam, geram oportunidades e, juntas, elevam a qualidade de vida de seus habitantes.



FOTO: ALCALDÍA DEL DISTRITO NACIONAL

São Paulo



Clima, mobilidade e governança

Ricardo Nunes
Prefeito de São Paulo
Vice-Presidente de Meio Ambiente e Sustentabilidade da UCCI

As cidades estão no centro das grandes transformações do século XXI. É nelas que os efeitos das mudanças climáticas se tornam mais visíveis, as demandas por mobilidade eficiente se intensificam e a necessidade de novas formas de governança se faz mais urgente. Com mais de 12 milhões de habitantes, São Paulo demonstra que é possível construir respostas concretas por meio de planejamento, inovação e cooperação internacional.

As mudanças climáticas já são realidade, com ondas de calor, chuvas intensas e eventos extremos afetando infraestrutura, saúde e qualidade de vida, especialmente em áreas vulneráveis.

São Paulo cuida do verde e da sustentabilidade com ações concretas. Foram plantadas mais de 150 mil árvores só no ano passado e ampliada a área de cobertura vegetal, que já supera 54%. Ampliamos também a área de mata pública. São Paulo tem hoje 15% de área de mata pública, com parques municipais, estaduais e áreas indígenas.

Estamos desapropriando mais 11% do território de mata privada para se tornar pública. Com isso, iremos a 26% de área de mata pública, preservada para sempre. Vamos ter um quarto da cidade com mata preservada, na maior cidade da América Latina. Esses 11% equivalem ao tamanho da cidade de Paris. É um projeto amplo para São Paulo, que nos torna um exemplo mundial no trato com o meio ambiente e no combate às mudanças climáticas.



Recentemente atingimos um marco na mobilidade sustentável, com a entrega num único dia de mais 500 ônibus elétricos, quantidade que supera o total de coletivos elétricos das demais cidades brasileiras. Com essa entrega, São Paulo atingiu a marca de mais de 1.700 ônibus elétricos. Somente com esses 500 novos, deixamos de consumir por ano 20 milhões de litros de óleo diesel. É como se plantássemos 3,2 milhões de árvores. Cada ônibus deixa de emitir 87 toneladas de dióxido de carbono, o que corresponde ao efeito de 6.400 árvores.

Essa é a forma como tratamos o combate às mudanças climáticas: com a viabilização financeira dessa operação e a determinação de não permitir novos veículos movidos a diesel no sistema municipal, na substituição obrigatória de cada veículo com 10 anos de uso. Outra medida foi a substituição dos caminhões de coleta de lixo movidos à diesel por biometano produzido nos nossos aterros. Já são 220 rodando e, até 2027, todos estarão movidos a energia limpa.

O desafio é incorporar a ação climática às decisões cotidianas de governo, conectando metas, orçamento e implementação.

Foi com essa visão que São Paulo instituiu o Orçamento Climático, integrando as metas do PlanClima SP, instrumento que objetiva a neutralidade das emissões de gases de efeito estufa e o fortalecimento da resiliência climática, ao ciclo orçamentário do município. A iniciativa permite identificar e monitorar investimentos em mitigação e adaptação climática, fortalecendo a transparência e a gestão.

Esse avanço também se reflete no Plano Plurianual 2026-2029, em seu Anexo IV, dedicado ao Orçamento Climático, com ações que totalizam aproximadamente R$ 123,4 bilhões no quadriênio. São Paulo busca consolidar uma governança capaz de transformar objetivos de longo prazo em resultados concretos.

Nenhuma cidade enfrentará sozinha os desafios do nosso tempo. Por isso, a cooperação internacional é essencial. Redes como a UCCI, a C40 e o ICLEI permitem compartilhar soluções, trocar experiências e acelerar políticas públicas eficazes.



FOTO: PREFEITURA DE SÃO PAULO

Sucre



Sucre, a cidade dos quatro nomes, renasce!

Fátima Elva Tardío Quiroga
Prefeita de Sucre

Sucre é a capital do Estado Plurinacional da Bolívia, cuja relevância no contexto nacional e internacional reside tanto em sua história quanto na atual projeção de seu desenvolvimento e progresso. Historicamente, a cidade foi testemunha fiel do primeiro grito libertário da América Latina, em 25 de maio de 1809, que representou a gênese de todo o movimento independentista americano, estabelecendo, assim, uma conexão intrínseca entre a cidade e o conceito de liberdade.

Além disso, o legado histórico da cidade de Sucre remonta a muitos séculos: recebeu o nome de Charcas, em homenagem aos povos indígenas que habitavam seus territórios; o nome de La Plata, em razão da fundação da Villa de la Plata de la Nueva Toledo pelos colonizadores espanhóis, em 1538; o nome de Chuquisaca, resultado da castelhanização dos termos indígenas choque (ouro) e chaca (ponte), ocorrida durante o período colonial; e o nome de Sucre, denominação atual desde 1839, em homenagem ao Grande Marechal de Ayacucho Antonio José de Sucre, herói da independência boliviana e latino-americana.



Esse legado histórico constitui a essência de nossa identidade e o ponto de partida para projetar Sucre rumo ao futuro. Sob a visão de "Sucre Renace", iniciamos um processo de transformação institucional que busca consolidar uma cidade moderna, inteligente e transparente, capaz de responder aos desafios globais sem perder a riqueza de seu patrimônio histórico e cultural.

O primeiro desafio é fortalecer instituições abertas, transparentes e próximas dos cidadãos. Em um contexto no qual a confiança pública é fundamental, promovemos um governo aberto e digital que simplifique procedimentos, fortaleça a prestação de contas e estimule uma participação cidadã ativa.

O segundo desafio é transformar nosso patrimônio em um motor de desenvolvimento sustentável. Sucre possui um extraordinário potencial turístico, cultural, acadêmico e empreendedor. Nossa oportunidade está em gerar investimentos, fortalecer a economia local e consolidar alianças entre o governo municipal, a academia, o setor privado e a cooperação internacional, para que nossa história também impulsione o futuro das novas gerações.

Por fim, buscamos construir uma cidade resiliente, inclusiva e preparada para enfrentar as mudanças climáticas, o crescimento urbano e as novas demandas sociais. Apostamos em um planejamento responsável, em melhores serviços públicos e em espaços urbanos que priorizem a qualidade de vida das pessoas. Estamos convencidos de que as cidades são protagonistas das soluções para os desafios globais e de que, a partir de Sucre, podemos demonstrar que preservar nosso legado é também a melhor maneira de construir um futuro com mais oportunidades, bem-estar e cooperação.



FOTO: SAÚL LÍA RIOS

Tegucigalpa



Três desafios globais fundamentais e uma oportunidade

Juan Diego Zelaya Aguilar
Prefeito Municipal do Distrito Central
Vice-Presidente da Região da América Central, México e Caribe da UCCI

As capitais ibero-americanas enfrentam desafios cada vez mais complexos como resultado do crescimento urbano acelerado, das mudanças climáticas e da necessidade de gerar maiores oportunidades para seus cidadãos. No Distrito Central de Honduras, formado por Tegucigalpa e Comayagüela, esses desafios também representam uma oportunidade histórica para construir uma capital mais organizada, resiliente, inclusiva e moderna.

O primeiro grande desafio global é a mobilidade urbana. Durante décadas, muitas cidades cresceram sem a infraestrutura necessária para responder ao aumento da frota de veículos e à expansão territorial. Isso gerou congestionamentos, perda de produtividade e redução da qualidade de vida.

Em Tegucigalpa, promovemos uma visão integral que combina obras de melhoria viária, recuperação do espaço público e intervenções estratégicas, como o túnel de Florencia, além de ações para modernizar o transporte urbano. Nosso objetivo não é apenas facilitar o trânsito, mas melhorar a vida das pessoas. Da mesma forma, entendemos que uma mobilidade moderna exige um transporte público limpo, seguro, eficiente e a um custo razoável, capaz de oferecer alternativas dignas e acessíveis a todos os cidadãos. Investir em um sistema de transporte moderno também significa reduzir os tempos de deslocamento e diminuir os congestionamentos, contribuindo, assim, para uma cidade mais organizada, sustentável e com melhor qualidade de vida.



O segundo desafio são as mudanças climáticas e a resiliência urbana. As cidades estão cada vez mais vulneráveis a inundações, secas e deslizamentos de terra. Por isso, a proteção ambiental deve ser assumida como uma prioridade estratégica. No Distrito Central, fortalecemos a recuperação das bacias hidrográficas, a proteção das fontes de água e o desenvolvimento de infraestrutura. Projetos como a barragem de San José representam uma iniciativa fundamental para garantir a segurança hídrica das futuras gerações. Da mesma forma, promovemos iniciativas permanentes de limpeza e recuperação ambiental para consolidar uma cidade mais sustentável.

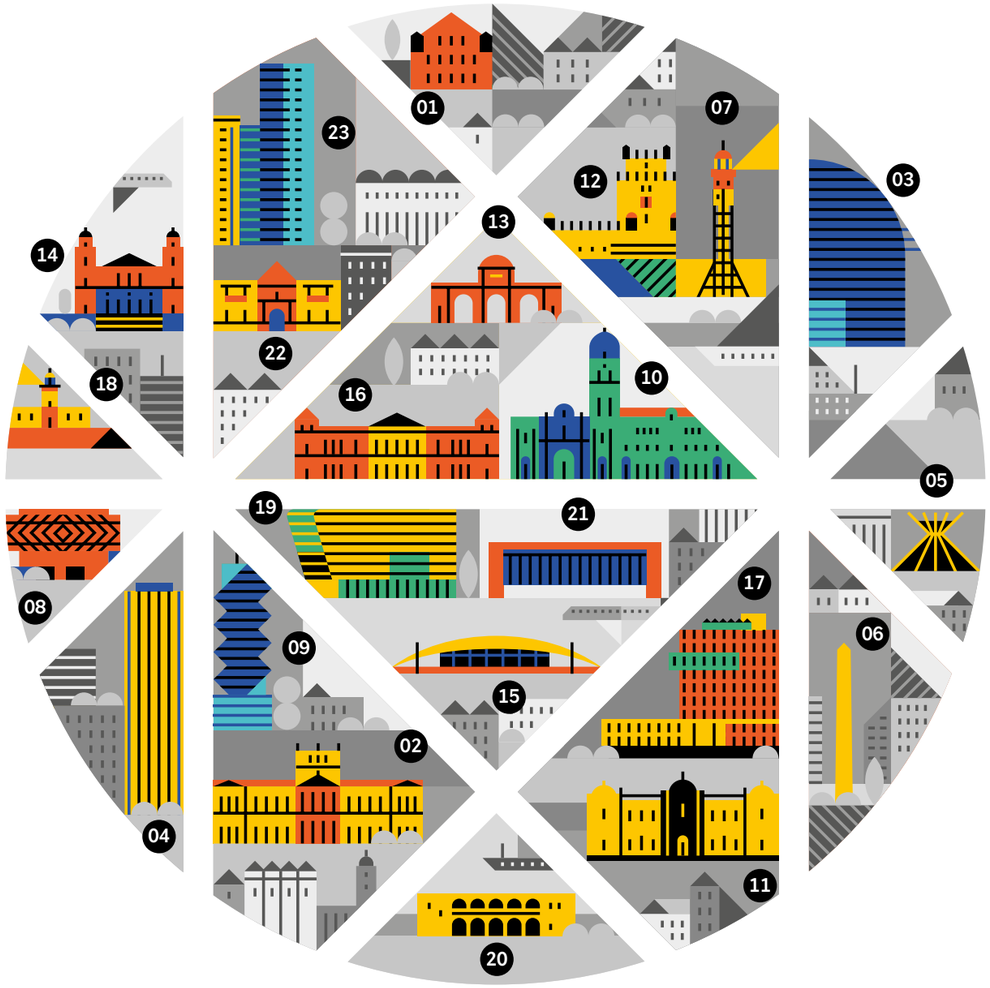
O terceiro desafio global é a desigualdade social, especialmente em relação aos jovens. As cidades devem se transformar em motores de inclusão, emprego e desenvolvimento humano. Uma capital moderna deve oferecer acesso à tecnologia, ao esporte, à cultura e a oportunidades econômicas. Nesse sentido, promovemos programas de formação digital, recuperação de espaços esportivos e simplificação de procedimentos municipais para facilitar os investimentos e a geração de empregos.

Diante desses desafios, surge uma grande oportunidade: a cooperação entre cidades. A União das Cidades Capitais Ibero-Americanas constitui um espaço de valor inestimável para compartilhar experiências, fortalecer a cooperação internacional e construir soluções conjuntas. A partir dos governos locais, e da proximidade com os cidadãos, podemos liderar transformações concretas com resultados tangíveis.

Tegucigalpa avança agora, e nosso compromisso é trabalhar com visão de futuro, liderança e cooperação para consolidar uma cidade mais moderna, humana e resiliente. Os grandes desafios globais exigem respostas locais, e as capitais são chamadas a ser protagonistas do desenvolvimento sustentável da Ibero-América.



FOTO: ALCALDÍA MUNICIPAL DEL DISTRITO CENTRAL



01 Casa de la Vall
Andorra-a-Velha

02 Palácio de López
Assunção

03 Hotel Vela
Barcelona

04 Torre Colpatria
Bogotá

05 Catedral Metropolitana de Brasília
Brasília

06 Obelisco
Buenos Aires

07 Faro de San Sebastián
Cádiz

08 Museu Ixchel
Cidade da Guatemala

09 Torre F&F
Cidade do Panamá

10 Basílica de São Francisco
La Paz

11 Palácio do Governo
Lima

12 Torre de Belém
Lisboa

13 Puerta de Alcalá
Madri

14 Antiga Catedral de Manágua
Manágua

15 Aeroporto Internacional de Carrasco
Montevidéu

16 Teatro Nacional Sucre
Quito

17 Edifício CCSS
San José

18 Farol de las Cabezas
San Juan

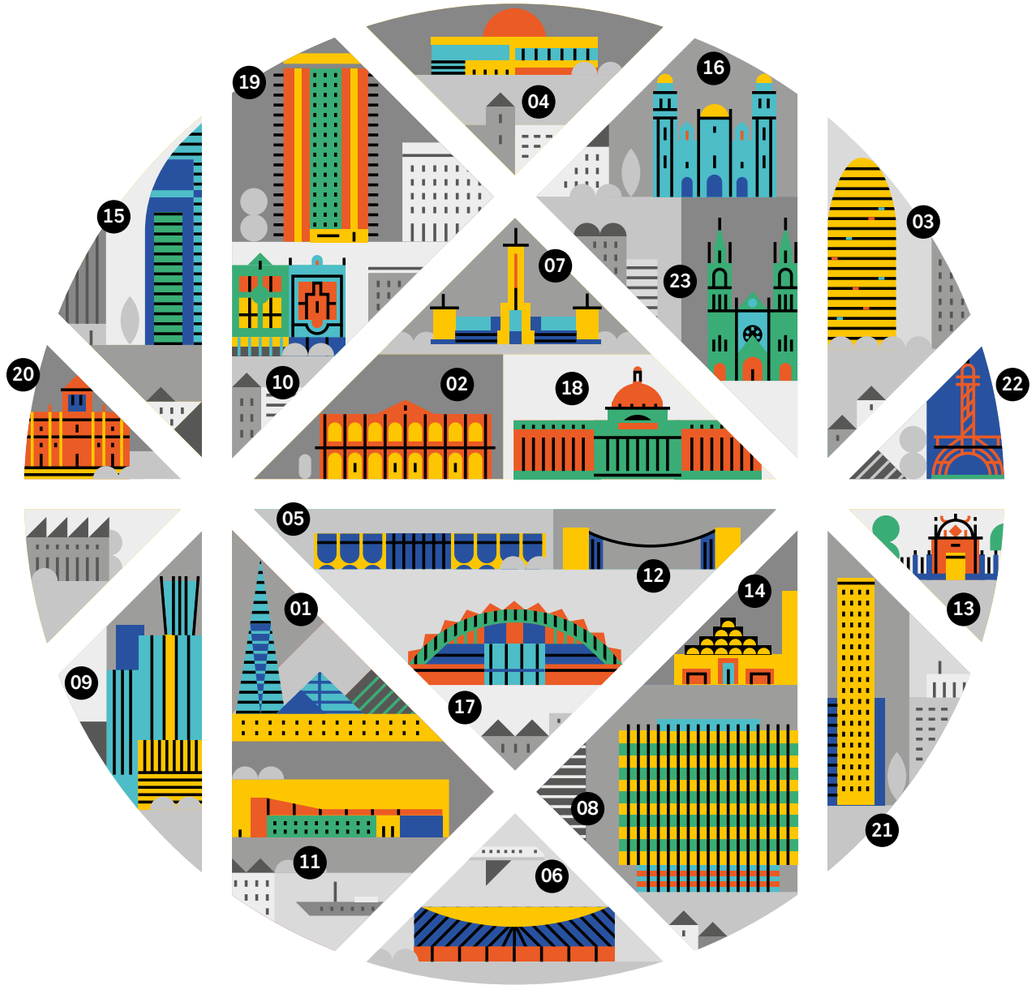
19 Biblioteca Nacional de El Salvador
San Salvador

20 Alcázar de Colón
Santo Domingo

21 Museu de Arte de São Paulo
São Paulo

22 Casa de la Libertad
Sucre

23 Centro Cívico Governamental
Tegucigalpa



01 Centro Termolúdico Caldea
Andorra-a-Velha

02 Centro Cultural da República
Assunção

03 Torre Glòries
Barcelona

04 Planetário de Bogotá
Bogotá

05 Palácio da Alvorada
Brasília

06 Aeroporto Internacional de Ezeiza
Buenos Aires

07 Monumento à Constituição de 1812
Cádiz

08 Banco da Guatemala
Ciudad de Guatemala

09 Torre BICSA
Ciudad de Panamá

10 Cholets
La Paz

11 Museo LUM
Lima

12 Pavilhão de Portugal
Lisboa

13 Parque do Retiro
Madri

14 Catedral da Imaculada Conceição
Manágua

15 Torre das Telecomunicações
Montevidéu

16 Basílica do Voto Nacional
Quito

17 Estádio Nacional da Costa Rica
San José

18 Capitólio de Porto Rico
San Juan

19 Torre El pedregal
San Salvador

20 Panteão da Pátria
Santo Domingo

21 Edifício Platina 220
São Paulo

22 Torre Eiffel
Sucre

23 Basílica de Suyapa
Tegucigalpa

ucci

Unión de Ciudades
Capitales Iberoamericanas

União das Cidades
Capitais Ibero–americanas

